

**A HISTÓRIA
CONTINUA
A LUTA NÃO
ACABOU**

ERNESTO KRAMER

EDIÇÕES UNIVERSO SEPARADO

A HISTÓRIA CONTINUA

A LUTA NÃO ACABOU

© **Ernesto Kramer**

digitado em Foz do Iguaçu – PR / 2000

SUMÁRIO

NUNCA TEMOS TEMPO PARA SONHAR.

A HISTÓRIA CONTINUA, A LUTA NÃO ACABOU.

UTOPIA

**é a CIÊNCIA DO FUTURO POTENCIAL,
do que ainda pode ser realizado.**

NUNCA TEMOS TEMPO PARA SONHAR

Quando escolhi o título para este texto, estou ciente que o conteúdo do que quero expressar está à beira do que é considerado utópico. Na acepção comumente aceita, um sonho irrealizável.

O principal problema de uma utopia, desde este ponto de vista, é a reação do sistema hegemônico, que sempre se demonstrou diabolicamente violento quando enfrentou qualquer questionamento a seu acionar.

O imaginário é subversivo: utopias são negações da ordem vigente. Uma utopia sempre apresenta alternativas, freqüentemente idealistas, para a ordem ou a situação não querida. Geralmente prega uma antípoda à ordem vigente, mas, não por isso é obrigatoriamente menos possibilitaria.

No nosso caso atual, não é possível fugir das implicações subversivas e utópicas duma doutrina que pregue a não acumulação de bens, por exemplo. Não é que isso não exista ou que não seja possível. Tem quem apregoa, mas não faz porque está atrelado ao sistema de poder. Então não é combatido e se transforma em instrumento de manutenção da situação.

Todo sonho que insinue alternativas tem implicações ideológicas, mas, sobretudo econômicas, administrativas, sociais, pedagógicas, políticas e até religiosas. O sonhar individual e coletivo é extremamente perigoso para o sistema dominante. Este o sabe e tenta canalizar, coercitivamente, os sonhos por vias menos ameaçantes.

Assim, de forma impositiva, é coartado o direito a sonhar livremente. Por consequência, é reprimido o direito a viver uma realidade querida e possível. Nos é tirado até o direito de sonhar, de imaginar. A opressão é total, consciente, planejada, dirigida.

Em uma sociedade de tal modo opressora, o sonho de mentes liberadas tende a ser crítico. Em uma situação de extrema miséria moral e material, as mentes sonhadoras elaboram respostas à crítica onírica. Isto, hoje e sempre, foi extremamente perigoso, tanto para o sistema constituído, como para o sonhador.

Até agora, sistematicamente, foi reprimido absolutamente todo intento de expressão ou constituição de formas organizacionais alternativas, considerado mais justo e humano pelas mentes mais esclarecidas. O poder não deixa brechas, não permite a existência de possibilidades que possam demonstrar caminhos viáveis alternativos; destrói sem piedade toda expressão discordante.

Nem assim conseguiu-se eliminar a expressão dos sonhos da história humana. De forma crítica ou apresentando respostas, seguem-se apresentando irredutivelmente à

consideração dos contemporâneos. O sonho não quer acabar e alimenta sua própria sobrevivência na realidade do dia a dia das pessoas magoadas, marginalizadas, oprimidas, exploradas, injustiçadas, apontando os erros da realidade e as vias de superação dos profundos problemas expostos.

Evidentemente, não são sonhos engendrados pelo aparelho condicionador, alienante, dos donos do poder. Não são sonhos autodestrutivos de uma sociedade mercantilista baseada no consumo obsceno, ilimitado predador dos recursos naturais e humanos deste Planeta.

São sonhos libertadores, sonhos altruístas, sonhos de dignidade, de paz, de convivência, de igualdade e justiça, de cooperação para uma vida melhor, direito de todos e não só de uma elite absurdamente isolada e privilegiada.

Se formos examinar cientificamente os conteúdos dos sonhos humanos libertários da atualidade, vamos achar a redundante repetição histórica do povo que, como sempre, pede, implora, pelo fim da exploração, da repressão e dos diferentes tipos de violência. Basicamente aponta a assumir um comportamento coletivo legitimado, com liberdade e autonomia.

É claro que se corre riscos tentando interpretar sonhos, em geral. Agora, traduzi-los a um linguajar atualizado, intelectualizando-os, é um desafio que inclui conotações de índole política, ainda mais perigosas. A conclusão popular

é que é mais conveniente, para a conservação da existência, simplesmente não sonhar. Sem mais questionamento ou, no máximo, uma ferrenha negação; também frequentemente desencaminhada pelo devaneio escapista e sem sentido prático.

Em nossa atual sociedade mercantilista, até os sonhos são comerciados. Não existe espaço nem tempo para o sonho criador. Criador no sentido de imaginar o social em forma diferente. Este tipo de sonho é o mais reprimido, o menos incentivado. Quer-se dar a impressão que as coisas não podem ser diferentes, que a ordem estabelecida neste momento é a cúspide do desenvolvimento humano e que nada é possível além disto.

Agora, foram sempre os sonhos humanos que propiciaram a evolução da espécie, o desenvolvimento social e tecnológico, o progresso científico, as manifestações religiosas e as mudanças requeridas para superar situações limite.

Hoje, outra vez, os sonhos e os sonhadores são desafiados a conceber uma saída ou solução para uma situação limite. Só que, desta vez, esta não se restringe a espaços isolados ou reduzidos. As características do momento atual exigem a participação de toda a população do Planeta, no sonho que enfrentará a pior situação pela qual este tenha passado em toda sua trajetória. Nunca antes, nem com o arsenal atômico [que, aliás, ainda existe], este planeta esteve à beira de um colapso total, nem a humanidade encarou sua própria destruição irresponsável, como

agora. É a primeira vez que uma espécie - a nossa, nascida e criada neste âmbito natural - está conseguindo acabar com sua própria possibilidade de sobrevivência, em forma apocalíptica.

Os sonhos não costumam apontar causas, mas indicam vias, caminhos, formas desejáveis de compensar carências. A compreensão das causas acontece pelo exame consciente das circunstâncias que produzem ou incentivam os sonhos.

Na atualidade é muito difícil não achar quem não concorde com a necessidade de mudança. Este pensamento ou desejo atinge praticamente todas as atividades humanas. É expressão de como a vida está ruim para a gente, para a grande maioria da gente; porque a elite minoritária não é atingida pela carência. Ela impõe as regras, maneja os acontecimentos, domina a dissidência e usufrui os resultados. No máximo, reclama do fato de ainda não ter atingido o ponto de dominação total, mas está trabalhando duro para chegar lá. Qualquer empecilho é afastado, ainda que precise empregar qualquer tipo de violência, truques, enganos, mentiras, traições ou pagamentos. É o fim o que importa, não os meios; o que gera uma guerra aberta do poder contra a humanidade e se expressa na dificuldade da sobrevivência diária das pessoas.

Existe uma violenta guerra econômica, dirigida ao extermínio populacional e que permite enxergar o perigo de extermínio de toda forma de vida no planeta. Não existe

uma proposta formal pública, mas a imposição de um modelo social elitista, destrutivo, marginalizador e manipulador. A badalada palavra democracia é usada como pano de chão para limpar a sujeira.

Às massas sofrentes, esperançosas, tenta-se vender a ilusão de um crescimento ilimitado, mas seu resultado, em termos de eficiência e custos sociais e ambientais, não justifica sua validade. Em vez de progresso, se observa uma destruição sistemática, tanto do meio ambiente, como das estruturas sociais e os valores morais.

Cada vez fica mais longe e esquecido o progresso medido pelo crescimento coletivo da cultura, da educação, da participação social, da saúde, do prazer e da alegria de viver. A fome, a doença não atendida, a violência social, o condicionamento alienante, a falta de oportunidade para todos, a perda de autonomia e vivência comunitária - pela mercantilização da vida - são resultados deste mal entendido progresso baseado na competição e na economia de lucro. Esta se alimenta de seu próprio desequilíbrio e seu colapso pode ser concomitante com o fim da vida neste planeta. Pelo menos, de sua manifestação humana. Que esteja claro: de toda manifestação humana e não só do que a impositiva e intransigente proposta atual está realizando: deixar morrer na miséria a todos os que não queira atender. O holocausto deste genocídio se volta contra seus próprios implementadores. É a base do problema.

A atual “civilização” não consegue atender às necessidades humanas básicas. Sem profundas mudanças na forma

de vida, será praticamente impossível fazer frente ao aumento da população planetária.

Os problemas sociais e ambientais sempre estiveram juntos, mas sua profunda ligação apenas começa a ser descoberta, entendida e aceita. O sistema entende o perigo do reconhecimento público deste fato e encaminha as medidas pelo campo do ecofascismo, ou seja, a racionalização dos recursos pelo controle disciplinar total sobre o corpo social.

Mas o autoritarismo é ecologicamente negativo. A preservação da natureza de nosso planeta não pode ser entendida sem a consciente participação de toda a sociedade, de absolutamente todos os seres humanos. Se foi um conceito que virou moda, não pode morrer como outra moda, mas se desenvolver, crescer e expandir. Há risco de que seu fim indique o fim de tudo.

Assim exposto, a solução dos problemas implica o que poderíamos catalogar como um salto qualitativo da consciência humana. Não podemos desqualificar, com qualquer rótulo, esta possibilidade. Pelo contrário, devemos entender que possuímos as qualidades e os meios para realizar este passo evolutivo. Pode ser agora e é bom que assim seja, pois o precisamos desesperadamente. É assunto de evolução ou morte.

Chegamos longe demais para seguir sendo os simples homo sapiens do passado. Temo-nos desenvolvido a cús-

pides apenas sonhadas por poucos, em todo campo científico e tecnológico; mas, em nosso imenso orgulho, temos-nos esquecido totalmente de nós mesmos. Isto é o que nos mergulha na crise atual, que é logicamente insolúvel se examinada pelos padrões hoje aceitos e empregados.

Sorte é que o desafio que se apresenta nos obriga, imperativamente, a procurar um tipo diferente de soluções, para problemas que escapam os alcances da racionalidade vulgar do sistema hegemônico. Qualquer solução requer uma visão global e estrutural, o qual é novidade e fica em outro nível que as propostas até agora conhecidas.

Considerando o estado da situação, se impõe o conceito de que precisamos inventar um novo caminho sócio-econômico e que este só poderá ser implantado por um novo tipo de revolução. Uma nova revolução que se apóie na ação direta, construindo o novo e não prioritariamente destruindo o velho. A maneira que isto será feito determinará a direção e as metas a serem alcançadas. Deve haver coerência entre meios e fins. Do resultado depende o futuro da espécie humana e do planeta inteiro.

A implementação desta tarefa exige um trabalho prévio de criação, de sonhos sem limite, ainda que possam se basear em certos conceitos condicionantes. Não em vão temos hoje à nossa disposição a experiência histórica acumulada de um sem número de gerações. Aliás, na realidade, nem seria preciso criar o novo. Apenas unir os

retalhos do bom que nos foi legado, já bastaria para construir um mundo ideal requerido pelos sonhadores de vanguarda.

Basta isso para criar uma ferramenta efetiva, que destrua a estrutura capitalista como um todo: Estado, aparato opressor, esquema econômico. A criação de um sistema que suplante o que não é querido também pode seguir essa dinâmica. O rol dos sonhos pode se limitar a alimentar a crença, a segurança, a fé, que isto é possível, porque é imprescindível. Como seres humanos conscientes, não podemos ter outro caminho nem sentido na vida.

A tarefa não é fácil, não é para qualquer um, não é para ninguém sozinho. Mas a base da nova humanidade deve ser construída pelas pessoas que carregam os sofrimentos e malefícios da sociedade atual. São os que devem mudar a si mesmos, para que o resto também possa mudar. Não existe o antes ou o depois; existe o agora indesejável e carregado de urgências e um processo vital que não deve ser interrompido.

A HISTÓRIA CONTINUA

A LUTA NÃO ACABOU

Minha intenção pode ser colocada como “a tarefa de tentar continuar com a evolução das propostas progressistas”, desde um ponto de vista “ecossocial-koopista contemporâneo”. Isto também implica - e permite - correções críticas a credences ou paradigmas estabelecidos, ou àqueles conhecimentos ditos científicos. Também não pretendo ser mais científico que os cientificistas, pois muito do que aqui é afirmado não é passível de prova, como as elucubrações acerca do futuro relacionado com o nosso desenvolvimento humano, em geral e no particular.

O mesmo me provê de um argumento contra a demagogia marxista, que pretende se apropriar do termo “*científico*”, de uma forma exclusiva. Não vejo coerência nessa atitude, entendendo por ciência: “*verificação experimental*”, e por científico: “*o que é verificado experimentalmente*”.

Pelo tanto, o pensamento científico acaba onde começam os supostos não comprováveis. E a ciência de predição do futuro tem a qualidade de sempre ter nos enganado. A cada segurança clara e irrefutável, consenso aceito pelas maiores cabeças pensantes de determinado momento, sempre e sem uma única exceção até agora, aparece o elemento imponderável, o acidente, o imprevisto, que

muda totalmente nossa realidade presente - tornando-a inesperada -, ao mesmo tempo em que mudam todas as perspectivas futuras. Isto é uma colocação científica, segundo o que entendo.

A história é o laboratório onde se comprovam as projeções elaboradas anteriormente. É ela quem afirma, confirma, desdiz ou nega quaisquer hipóteses ou teoria formulada com respeito a qualquer desenvolvimento do futuro, feito anteriormente. A prova está em inumeráveis exemplos das mais variadas origens, inclusive aqueles baseadas nos mais modernos, atuais e complexos fundamentos, que se desmoronaram igual que qualquer simples credence popular. O que me resta é o convencimento da falência da credence na infalibilidade da projeção de um possível desenvolvimento mecânico da evolução humana e de suas relações sociais.

O momento atual é muito exemplificador neste sentido. As questões que nos coloca, ao menos as mais importantes, as principais e decisivas, eram impensáveis até pouco tempo atrás; digamos até umas poucas décadas. São assuntos que põem a “esquerda” numa encruzilhada, que mais parece a galeria de uma mina de carvão, onde nada se enxerga. Fica-se perdido no labirinto do Minotauro, perambulando por passagens percorridas infinitas vezes, sem achar o fio condutor que leve à saída. Muitos bravos lutadores se entregaram [até alegremente] ao monstro devorador. Têm uns tantos que não depõem suas armas e sustentam a luta, ainda seja com elementos defasados. Difícil mesmo é encontrar alguém que objetivamente ten-

te desenvolver uma ação concreta e coerente contra a maior ameaça que já existiu contra a humanidade, como um todo.

Não posso pretender ser eu esse aquele que vai iluminar a trilha futura da humanidade, mas posso fazer uso da garantia de expressar livremente meu pensamento em público, sem estar sujeito a punição. Pelo menos, esta garantia está escrita em papel timbrado, assinada e carimbada por uma porção de pessoas mais ou menos ilustres e poderosas. Na realidade da vida diária nada existe que garanta que este compromisso seja honrado. Entendo que o mundo não está para este tipo de brincadeiras. Os humanos que pensam com liberdade são o alimento favorito do monstro predador. Quem não pensa tem uma pequena sobrevivência quase assegurada, ainda seja em condições paupérrimas; e quem pensa em favor dele é poupado e engordado, para ser consumido logo mais. Realmente, em toda a inteira história da humanidade, são escassos, pouquíssimos, os libertários igualitários que morreram de morte natural em idade avançada, depois de levar uma vida sem violentas perseguições. Aliás, não lembro de nenhum.

O Ser Humano no Poder, em todas suas múltiplas expressões concretas, em todas as suas formas e manifestações, sempre, absolutamente sempre, se aproveitou e abusou do resto da humanidade. Não existe sequer um único indício que possa nos fazer suspeitar que alguma vez foi diferente, em qualquer momento ou lugar do percurso da história humana. Podemos apenas distinguir graus de ex-

ploração, de escravidão, de degradação, provocados por injustiça e enganação, que se expressaram em formas mais ou menos [in]toleráveis para os sobreviventes de dado momento histórico.

Vem este fato se reproduzindo desde as primeiras famílias, tenham sido matriarcais ou patriarcais, dos pré-humanos mais primitivos; seguiu nos clãs e tribos com organizações mais ou menos sofisticadas; foi reproduzido por todo tipo de credence religiosa até os dias de hoje; e sempre conseguiu se infiltrar em todo tipo de organização social que conseguimos criar em qualquer momento da existência de nossa espécie. O Poder sempre foi usado e aplicado para assegurar privilégios especiais a pessoas ou grupos humanos, geralmente minoritários frente às grandes massas que deviam ser sacrificadas para sustentar os caprichos dos Poderosos de plantão. Foi sempre assim e hoje não é diferente. Nada mudou, mas a luta não acabou.

Infinitos artifícios foram e seguem sendo empregados para manter a maior parte da humanidade em estado de servidão. Nisso não temos evoluído um só passo, a não ser no refinamento dos instrumentos de coerção. Não nos diferenciamos em nada daquele primeiro humano que derrubou um outro com o punho, com um chute, com pedrada ou pedaço de pau, disputando uma fruta caída de alguma árvore, um punhado de sementes, algumas nozes, ou uma fêmea desejada.

Um erro está em que nosso conceito de progresso, de civilização, de desenvolvimento, sempre foi tecnocrático e não social. Não é que nunca ninguém pensasse em isso, mas parece que, até agora, sempre se impôs o lado qualitativo do absurdo, chegando a um pico nas afirmações cientificistas assinaladas pelo darwinismo e derivadas deste. Simplificando, poderíamos dizer que não se soube diferenciar entre animal e bicho. É uma explicação boba de tão simplista, mas esta nos coloca frente a outro tipo humano, que também sempre existiu. E este também sempre esteve em contraposição a seus congêneres violentos. É aquele que enxerga a vida de outra forma, aquele que sempre se sentiu injustiçado ou que sofreu - sentiu compaixão - pelas injustiças cometidas a outros. É este quem sempre se revoltou e sempre seguirá se revoltando, pois cada ser que nasce é um ser novo, não amaciado por milênios de terror.

Bem entendido é isto pela atual meia dúzia que manipula as marionetes globais, que preferem investir na reprodução clonada de “coisas” que possam manejar a seu prazer, podendo prescindir assim dos bilhões que hoje clamam por justiça, por trabalho, por moradia, por comida, por atendimento à saúde, por educação, por uma vida digna, por participação na repartição dos produtos. Isto é um estorvo, um incômodo extremo, para aqueles pretensos semideuses que manipulam as finanças, o comércio, a produção, a política, as religiões do Planeta; como também para sua caterva de seguidores, ciumentos de suas mordomias e temerosos de perdê-las.

É assim que sempre foi, desde quando pai ou mãe tinham direitos sobre a vida ou morte dos filhos, quando matar irmão ou irmã era coisa normal da vida e o incesto um modo de reprodução ou prazer humanos, sem entraves morais.

É claro que no decorrer do tempo foram aparecendo vozes que expressaram idéias / pensamentos contrários a muitas práticas que hoje nos parecem primitivas, bárbaras ou obscenas. Mas não temos conseguido erradicá-las dentre nós e não podemos nos autoenganar querendo minimizar a questão ou relegá-la inconseqüentemente a certas faixas sociais. A violência, a imundice, a má fé estão em todo canto e proliferam livremente, alimentadas por nosso próprio sistema social.

Fora de algum antigo escrito religionista, ou pseudo-religioso, de procedência não comprovável, não encontramos outra referência concreta [quicá em algum mito ou lenda] de um estado ideal, paradisíaco, na história humana. Nada existe em concreto, que possa fundamentar cientificamente uma afirmação que cogite a existência de uma situação social comunista, igualitária e fraternal, em alguma sociedade humana, ou que esta deva ter sido obrigatoriamente nosso ponto de partida como espécie, e logo deu no que deu. É muito estranho ler este tipo de afirmações escritas por quem pretende justificar um ponto de vista sobre a evolução social humana e, por conseguinte, a nossa situação atual; além de pretender projetar o futuro da espécie de forma dogmaticamente “científica”.

Olhado desde aí, houve uma franca e dramática involução nas vidas humanas, durante toda nossa história.

Essa é uma idéia por demais similar à que é difundida pelo cristianismo: a do paraíso primordial, do qual teríamos sido expulsos por mau comportamento, por desobediência a regras estabelecidas. Isto tem paralelo em algumas expressões culturais e em interpretações psicológicas, geralmente manifestadas como “o desejo de voltar ao lugar ou à cidade ideal”, que estaria gravado em nosso “subconsciente” desde o começo dos tempos. Também estas interpretações são de origem judeu-cristã e é muito difícil que sejam encontradas em algum outro povo que não possua uma relação cultural-religiosa com nossa civilização ocidental.

Mas bem, o que encontramos ao examinar mitos, lendas e religiões primitivas, são histórias de uma relativa evolução, desde um estado caótico a um outro, que possui elementos de conhecimento que permitem uma ordem mais estável, uma convivência mais humana, ainda que esta seja limitada.

No percurso da história social humana, apenas encontramos algum exemplo, e isto com extrema dificuldade, de intentos de construção de sociedades igualitárias, em regimes que possamos chamar de algum modo socialistas ou comunistas. Até achamos algumas poucas experiências relativamente democráticas, as quais também nunca

sobreviveram por grandes períodos de tempo e sempre foram confinadas a âmbitos bastante restritos.

Até este preciso momento, mais se imaginou, mais se sonhou, mais se desejou, mais se escreveu, que propriamente se pôs em prática. Mas também não queremos dizer que não se tentou e muito pelo contrário, nada mais longe de isso. Ao longo de toda a nossa história, dos pedaços e retalhos que conservamos do conhecimento dos fatos relativos à existência de nossa espécie, sempre, absolutamente sempre, sem exceção de nenhum povo, ficaram registradas as características de oposição, de rebeldia, de dissidência, de luta, contra situações expressas de tirania, de exploração, escravidão, roubo e invasão territorial; enfim, de qualquer ato que ferisse os sentimentos de justiça de determinados indivíduos, grupos humanos, povos ou nações.

Ora, esta parece ser a situação humana, desde antes que nos reconhecêramos como humanos. Há uma história conhecida por alguns agnósticos, que garante que o nosso Planeta conheceu um ano inteiro de paz. Isso antes da formação do império persa. Se fosse verdade [e por que duvidar?], nunca mais esta situação foi reproduzida e hoje estamos tão longe dela como sempre. Adianta falar de evolução humana, nesse contexto?

Os métodos de dominação apenas foram aprimorados, aperfeiçoados, sofisticados, e hoje, em vez de estar nas mãos de dez mil reizitos, são manipulados por meia dúzia de todo-poderosos. Mas os elementos que impediram uma vida plena de nossos ancestrais seguem sendo os mesmos: força bruta, religião e circo [este último hoje chamado de *show business*, no qual também deveria ser incluído o que vem a ser chamado de *política*]. Isso é evolução da barbárie!

Para ser verdadeiramente científicos, precisaríamos de dados estatísticos históricos, se quisermos avaliar comparativamente proporções de alienação popular. Como isto não é possível, apenas podemos tentar deduzir que as idéias sobre situações sociais ideais se desenvolveram a partir da contradição frente a situações não ideais. É bem difícil acreditar que alguém que se sente bem à vontade na sua situação, sinta desejos de melhorá-la. Isso é bem entendido pelos dominadores, que sempre tentam convencer os dominados de sua boa situação existencial ou, por último, que as coisas não podem ser melhores. Vemos aqui a origem da falácia neoliberal sobre o fim da história, querendo nos convencer que chegamos ao pico do desenvolvimento possível. Precisamos ser extremamente burros, cretinos ou parte interessada e beneficiada, para acreditar nisso.

Então, é possível que de situações de descontentamento tenham surgido as principais idéias e propostas de melhoramento social, até agora conhecidas. Como todo no

mundo, onde nada nasceu feito e acabado, tiveram que passar centenas e milhares de anos, até que estas propostas tomassem corpo e, principalmente, que pudessem ser difundidas.

É aqui que começa uma revolução. Não só quando a palavra escrita começa a ser impressa, mas quando a igreja católica romana perde o controle sobre o que for impresso. Quando o “Imprimatur” - espécie de selo de qualidade ou Iso 9000 literário, outorgado pela igreja católica - começou a perder validade social, também começam a aparecer as obras mais relevantes dos maiores pensadores da era moderna. Antes disso, muitos livros e manuscritos foram queimados pelos inquisidores de plantão, de preferência junto com os escritores.

Assim, é de época relativamente recente que começamos a nos documentar ao respeito de temas que não são de interesse das “autoridades constituídas”, seja lá o que isso for ou represente. Desde outra perspectiva, não é de estranhar que uma literatura que siga uma linha para-socialista comece a tomar vulto há apenas duzentos anos. Suas variantes utopistas e cientificistas apenas diferem nos graus ou matizes de aplicação de um sonho ancestral de reivindicação social, o qual nesta obra podemos conveniar em rotular de “comunismo”.

O conceito de comunismo parece englobar todos os sonhos, pensamentos, idéias, projetos dos mais diversos povos da Terra, sintetizando uma situação ideal para toda forma vivente neste Planeta. Evolui junto à evolução de

nosso pensamento, junto às experiências de nossa espécie em suas mais diversas manifestações; foi algemado a diversas interpretações mais ou menos dogmáticas, científicas, utopistas ou libertárias.

O conceito “comunismo” surge da visão de uma organização social onde tudo o que existe e que vier a ser produzido é de propriedade e usufruto comum a todos os que fazem parte desta. Do mesmo modo a podemos chamar de “koopista”, onde tudo é produzido pela cooperação, e a propriedade é usada solidariamente no benefício mútuo de todos os que participam deste tipo de organização social. Basicamente não parece haver uma diferença entre os dois conceitos, mas seus fundamentos diferem profundamente em seus aspectos ideológicos e doutrinários.

A própria evolução do pensamento, especialmente neste século XX da Era Vulgar, está acrescentando novos dados e valores, que amplificam e aprofundam o conceito. É inegável que é uma expressão eminentemente do intelecto humano, nunca verificado experimentalmente fora de reduzidas comunidades, o que faz sua catalogação cair, inevitavelmente, no âmbito puramente utopista; ou seja, uma realidade querida e supostamente viável. O comunismo é científico apenas na prancheta de projetos. Sua viabilidade - e, por tanto, sua validade científica - ainda não está demonstrada. Assim se encontra no mesmo pé que o koopismo (ver: Choque de Meio Ambiente – ek).

Um destacado filósofo alemão, que começou a ser conhecido a meados do século XIX, talentoso compilador e

sintetizador dos escritos dos pensadores mais relevantes de seu tempo, tentou demonstrar uma lógica mecanicista, supostamente irreversível, na evolução da sociedade humana, até chegar ao almejado comunismo. Em uma jogada extraordinária de marketing político, catalogou seus próprios escritos, e aqueles de um amigo chegado, de “científicos”, rejeitando todo o resto produzido até então pela humanidade como puramente utópico. Devemos supor que pouco ou nada ele podia imaginar (desde sua arrogante atitude personalista e egoísta) do imenso favor que estava realizando ao poder reacionário, o qual até hoje agradece de coração a mortal divisão que permanece na esquerda e na vanguarda política, aproveitando de propagandear sua morte, fracasso e inviabilidade, apoiada no exemplo da malfadada experiência pós-zarista dos erroneamente chamados socialistas reais.

A alardeada infalibilidade na previsão do desenvolvimento da história, deste grande mestre, hoje leva a novas interpretações feitas pelos seus discípulos, que não desistem do messianismo secular contido na doutrina. O caso é que o profeta errou e para muitos “companheiros revolucionários” parece mais fácil tentar emendar os erros, corrigir os desacertos com diversas justificativas, não dando o braço a torcer com respeito às bases da doutrina. Dai surgem novas interpretações, afirmações se colocam em novos contextos, se re-elaboram laboriosamente estratégias e táticas, e se pulverizam em minúsculas agrupações sectárias, que mais parecem igrejas de crentes que, apesar de pregar o mesmo deus, falar as palavras do mesmo livro sagrado e acreditar no mesmo messias, se-

guem cada uma sua linha própria, que dizem a única e verdadeira. Com isto, até a própria revolução se encampa no âmbito da utopia. O pior é que hoje até parece que ninguém mais sabe fazê-la. Pelo menos das fileiras de onde deveria surgir a voz do esclarecimento, nada coerente se escuta. Tudo se resume a um futuro indefinido, baseado em leituras da realidade com dados insuficientes.

O dogma foi arranhado, mas uns retoques por aqui, uns retoques por lá, querem fazer aparentar que a igreja segue em pé e, principalmente, que não é mais igreja. Ora, as religiões nos prometem uma espécie de paraíso logo após a morte, ainda seja no céu. Nesta outra linha o paraíso é “pós-posto” a, pelo menos, várias gerações pra frente, fazendo que todos nós vivos agora estejamos condenados, automaticamente excluídos de toda possibilidade de uma vida melhor, até daquela post-mortem do sistema atual.

Para piorar ainda mais a perspectiva, deu-se por encaixar etapas transicionais depois da suposta queda automaticamente mecânica do capitalismo mercantilista [será de maduro que cai?], introduzindo etapas ditatoriais a remédio das sociedades atuais, extremamente mal justificadas, sempre protelando mais a meta almejada do verdadeiro comunismo, nunca fazendo um esforço sério e coerente para romper de raiz e imediatamente com o tipo de relações humanas que produzem tanto sofrimento e que estão destruindo, não só a humanidade, mas também o nosso Planeta inteiro.

Me pergunto se isto realmente expressa uma posição autenticamente revolucionária, ou será que expressa reacionárias fontes social-democratas, ou abjetos interesses burgueses nos quadros da dita esquerda política. Temos um belo exemplo naquele nosso presidente [FHC]. Ou optarão pela “ditadura do proletariado”, onde os coitados proletas outra vez serão dirigidos por quem se consolide no poder, até a “educação” destes. Mais parece um círculo vicioso, uma trilha que leva a lugar novo nenhum.

Referindo-me ao materialismo dialético, reafirmo que máquina de opressão sempre produzirá opressão, não importa quem a maneje e muito menos em nome de que é manejada. E ditadura é sinônimo de tirania e de opressão e seus resultados sempre foram e serão os mesmos e os fins para que foi instaurada não fará variar o produto. Enfim, mais parece um elemento que impossibilita ou retarda mais ainda uma evolução construtiva posterior, antes que vir a possibilitar esta.

A dialética realista de Marx termina pela anunciação profética da salvação e do fim da história. Apesar de todo seu realismo, só serve para tentar provar o que já tinha sido admitido por adiantado: que o ideal terrestre, edificado pelo proletariado, não tardaria a se realizar. Isto é a apologia do “fim da história” que, como vemos, não é uma idéia exclusiva nem inventada pelos teóricos neoliberais.

É claro que aprecio positivamente quem é capaz de realizar autocríticas e com base em estas aceitar novas compreensões e daí elaborar novos planos de ação. Isso é

enaltecedor. O que afirmo é que a tal doutrina [ou visão do mundo] professada é insuficientemente desenvolvida para pretender ser a derradeira verdade revolucionária que pretende ser. E mais: filosoficamente assume a mesma posição do neoliberalismo. A posição que chegou a sustentar foi baseada mais no marketing ideológico e na pura e simples eliminação física de todo indivíduo que não fosse crente confesso e militante incondicional da causa. Houve, em efeito, mais mortes que na inquisição cristã ou na guerra santa do islã. Nos três casos, não podemos deixar de mencionar as inumeráveis mortes e as injustiças cometidas por simples interesses pessoais, brigas internas por retalhos de poder; enfim, mil e uma baixarias por questões periféricas, que nada faziam à questão central, que foi e continua sendo a construção de um novo mundo e a “produção” de um ser humano diferente.

Não consigo enxergar como isto poderá ser feito com os métodos propostos. Não consigo entender como se poderia erguer um mundo pacífico, por meios e métodos violentos; ou como mudar as pessoas cultural e psicologicamente, só mudando as relações de produção.

Um conhecido líder chinês, já falecido, entendeu a importância da cultura em uma revolução. Realizou um experimento, mobilizando milhões de pessoas, especialmente jovens. Não vamos a ponderar esta ação, mas queremos ressaltar que foi a primeira vez que se vislumbrou uma evolução no pensamento e na ação revolucionários de inspiração soviética. É este um aspecto que deve ser mais

e melhor desenvolvido. Seu manejo e aplicação sem dúvida que deve apressar e aprofundar o processo de mudanças.

Ninguém poderia acreditar que poderemos conseguir uma mudança plena, arrastando o lastro dos aspectos culturais negativos do momento anterior que se pretende modificar. Isso não está sendo tomado em conta e se incorporam à cultura pseudo-revolucionária elementos pertencentes à cultura capitalista-cristã, os que sempre foram emperradores de qualquer tentativa de evolução real. Isto vai trazer graves problemas no futuro; é a semente da involução. A Polônia é um exemplo adequado.

Para complementar, vamos comentar a visão de um velho mestre russo, quem sintetizava sua opinião na frase: “toda vara tem duas pontas”. Explicava que estavam tão errados os que pretendiam provocar uma mudança no ser humano trabalhando exclusivamente seu lado espiritual / psicológico, esperando que isto produza a almejada mudança social, como aqueles que pretendem que a mudança psicológica seja produzida como consequência da mudança nas relações sócio-econômicas.

Estes dois pontos estão unidos pela questão cultural. Não há nenhuma possibilidade de uma evolução verdadeira, que viria ser um real salto qualitativo da espécie, sem um trabalho sério sobre estes três pontos. Nenhum deles é consequência lineal do outro; constituem um triângulo equilátero perfeito em sua relação.

Portanto uma revolução real, que nos capacite e leve a viver em um sonhado mundo novo [que podemos seguir chamando comunista, por enquanto], só pode ser concebida incluindo estes três aspectos [social, cultural, psicológico] em uma forma concomitante, ou seja, ao mesmo tempo, não um depois do outro ou como consequência do anterior. Isto é, basicamente, o que chamamos de Revolução Total e não há outra forma que leve aos humanos a “terra prometida” alguma. Qualquer outro caminho é pseudo-revolucionário, desde que não nos capacita para viver, nem sequer para formar, aquele esquema social que a humanidade precisa para poder sobreviver o futuro, que hoje se apresenta como imediato.

* * * * *

A pergunta que deveríamos formular primeiro é: de quanto tempo dispomos? Ou também: quanto tempo nos resta?... até que consigamos destruir o Planeta.

Calculadas as respostas, poderíamos começar a estudar o que fazer, como fazer, com que velocidade fazer, quais os métodos a empregar.

Se prestássemos atenção a projeções científicas, baseadas em fatos reais de nossa atividade humana, e não somente em nossas relações sociais, poderíamos verificar que a situação é extremamente alarmante. Obviamente que há profundas contradições entre os representantes

do sistema hegemônico e as pessoas que não estão atreladas ou vinculadas aos grupos de interesse econômico, político ou religioso. Isto não poderia deixar de ser assim e são a base da discussão que está se desenvolvendo com um mínimo ou nenhum conhecimento da maioria dos habitantes deste Planeta. Menos ainda é considerada esta discussão pelos grupos autoproclamados de revolucionários, que perdem seu tempo e preciosa energia em estéreis lutas por poderes fictícios.

Sempre criticados e desmentidos pelos representantes do poder constituído, há inúmeros cientistas sérios que nos alertam sobre o perigo que nosso modelo de civilização apresenta para a continuação da vida da nossa espécie e para a habitabilidade de nosso Planeta. Não são vozes isoladas, ainda que reprimidas e sem possibilidades de competir com os meios de difusão que o sistema dispõe. Como humanos, revolucionários ou não, não podemos nos dar o luxo de ajudar a calar estas vozes, fazendo ouvidos surdos. A cruel realidade da destruição ecológica e social é prova claríssima e óbvia demais, para poder desmenti-la com um simples fechar de olhos. A porcalhada e imundice que estamos espalhando, a barbárie da situação humana, a exploração irracional de nossos recursos, a contaminação de terra, água e ar, as mudanças climáticas, as tecnologias sujas, são apenas alguns aspectos que contribuem á deterioração progressiva da qualidade de vida. Se apenas reformularmos as relações sociais de produção seguindo os mesmos parâmetros de exploração da natureza e do consumo, ou se apostamos em uma revolução pós-moderna onde as máquinas nos permitirão o

paraíso comunista, não estaremos fazendo revolução nenhuma. Antes de conseguir chegar a nossa meta, o Planeta estará morto e não ficará um só humano em paraíso algum. Nosso Planeta não sustenta essas teorias.

Mas o Planeta também não sustenta a situação atual, produzida pelo capitalismo e sua versão neoliberal. É isso que está nos afundando e é isso o que tem que ser mudado, mas em seu lugar também não podemos aceitar um substituto que não supere os erros e as contradições do sistema anterior.

A compreensão da urgência desta mudança modifica profundamente estratégia e táticas da esquerda tradicional. Não servem mais as antigas concepções revolucionárias violentas ou aquelas que fazem o jogo da pseudodemocracia burguesa. A questão tem urgência de ser reformulada. A questão transcende a tragédia em que estão imersas quase cinco bilhões de pessoas no Planeta. Olha que o número é grande. Não adianta que apareça um a-vacalhado servente do sistema, que assegure que são “somente” quatro bilhões e que “nem” chega a dois bilhões os que nunca na vida souberam o que é sentir a barriga cheia de alimento saudável. Sem falar de outras carências.

Pensem um pouco. Muitos precisarão um esforço que podem considerar sobre-humano, mas tentem pensar: será que se pode justificar que menos de um bilhão de pessoas tenham acesso irrestrito à produção planetária, a custa da desumana situação do resto?

Mas isso é uma pergunta antiga. Hoje também se sabe como solucioná-la. O Planeta têm condições de permitir uma vida digna a alguns bilhões mais dos que hoje existem, sem sofrer a destruição que está acontecendo. Afirmção em contrário é papo furado neoliberal, que só serve para defender os privilégios de minorias desavergonhadas.

Dai vem o desenvolvimento atualizado da pergunta: como se poderia justificar a destruição do Planeta e, por conseguinte, da vida nele, para que uns quinhentos milhões de pessoas levem uma vida extremamente faustuosa?

Entendamos bem: o Planeta está sendo destruído pela humanidade. Não são muitos os que se preocupam com este fato e são menos os que realmente fazem uma contribuição efetiva para sua preservação. A maioria absoluta ignora, como ignora muitas outras coisas também.

O Planeta está sendo destruído para produzir bens de curta duração, os que são direcionados para o consumo e que devem, obrigatoriamente, produzir lucro. Quem usufrui, quem curte estes produtos não é a humanidade como um todo, mas apenas uma porção muito pequena desta. São aqueles que nossos olhos de pobre e marginalizado enxergam como ricos e poderosos. São esses que moram naquelas mansões às quais não temos acesso, dirigem aqueles carrões que só vemos passar, comem em aqueles restaurantes onde os restos de comida são joga-

dos no lixo para que os empregados não sintam seu sabor, são atendidos em clínicas e hospitais particulares, seus filhos vão ao “colégio” pois escola é para marginal, fazem compras em chopicenter cheio de seguranças, mudam de guarda-roupa cada três meses seguindo a última moda, se bebem água é só de garrafinha e nunca da torneiral, morrem de medo de ser assaltados ou seqüestrados, odeiam e depreciam pobres e acham que há um deus que tudo deu para eles porque são bonitos e bonzinhos.

Esses são os maiores consumidores de todo o lixo cultural que é comercializado em forma de letras, sons e imagens no Planeta. São os bovinos alienados, idiotizados, comprados pelo sistema. Isso é a burguesia careta, burra, chata e esnobadora, cúmplice do poder, gozadora de privilégios, mas totalmente estagnada na evolução. E são tão poucos, mas entre eles há tantos que recebem cem, duzentas, trezentas ou mais vezes do que uma família marginal consegue cada mês.

O sistema de por si é injusto e nisso não há dúvida nenhuma. Isto faz a base ideológica da revolução social. Mas não podemos mais considerar este fato em forma isolada. Digamos que, se existisse a possibilidade de sobrevivência de um bilhão de humanos - é o que o sistema atual considera possível - haveria a possibilidade real de concretizar este fato. A eliminação de um setenta por cento da humanidade, ou quatro bilhões de indivíduos, já quase é um fato consumado, dificilmente reversível, considerando o desenvolvimento provável das atuais circunstâncias.

Ainda chegando nesse ponto, parece ser extremamente improvável que esta “seleta minoria” consiga sobreviver, dadas as condições em que o Planeta teria ficado. Poderia dizer, sem temor de exagerar, que as previsões são aterradoras. São previsões tanto ou mais científicas que aquelas que foram formuladas há cento e cinquenta anos atrás, sobre a revolução social. Sabemos de comunidades de cientistas das mais diversas especialidades que prevêem uns cinquenta anos de sobrevivida para o Planeta. Há quem dá duas ou três gerações. Difícil mesmo é achar quem fale de cem ou cento e cinquenta anos de sobrevivida. O fim da história apregoado pelas hordas neoliberais, marxistas e cristãs está ali perto.

O sistema desmente, mas nada faz para deter a destruição, como nada faz e se reconhece incapaz e impotente para melhorar a vida da população condenada à miséria. Isto não é um problema exclusivamente social, passível de ser solucionado com mudanças no poder, nas relações de produção e na distribuição dos produtos. É um problema de extrema complexidade, que transcende tudo o que foi conceituado até este preciso momento. Seria de uma imbecilidade extrema pretender construir um sistema que nos proveja de tudo aquilo que a burguesia de hoje tem acesso. Isso aceleraria nosso suicídio coletivo. A ilusão de um comunismo em um paraíso maquinizado, onde por fim poderíamos curtir a vida, a cultura, a arte, o lazer, é uma utopia inviável. No fundo é exatamente a mesma idéia que o projeto neoliberal nos tenta vender. Isso é algo que nunca vai existir neste Planeta. É uma rea-

lidade que está fora de nossa possibilidade vital, totalmente incompatível com as características de nossa Terra, completamente fora de sua capacidade de sustentação. Nenhum dito revolucionário pode perder sequer um segundo de sua existência pensando em tamanha incongruência.

O que temos pela frente é uma imensa tarefa de desativação de inúmeras unidades produtivas fabris; de mudanças de técnicas de produção, incluindo as usadas na agricultura; de inventar novos métodos e formas de sobrevivência; de relocação de grandes massas humanas; de cura dos efeitos produzidos pelos grandes desastres ecológicos; de experimentação e aplicação de alternativas energéticas; de educação para a formação de uma civilização ecológica e socialmente não agressiva. Isso e muito mais. A partir de ali poderíamos começar a falar de revolução, ou de começar a concordar sobre um conceito de comunismo que esteja de acordo com nossa realidade vivenciada, com os conhecimentos científicos acumulados e com nossas capacidades e necessidades humanas reconhecidas.

* * * * *

Quando se luta ou se quer/pretende lutar contra alguma coisa, é bom saber e ter bem claro e identificado o “inimigo”. No caso que viemos a discutir, não fica dúvida nenhuma que aquilo que denominamos “capitalismo” se

coloca em posição diametralmente oposta ao que almejamos. Se fizermos a pergunta: “todo tipo de capitalismo é necessariamente ruim?”, estaríamos reconhecendo implicitamente que este tipo de organização sócio-econômica tem diferentes formas, manifestações ou facetas. Em efeito, assim tem se apresentado através da história, se adaptando a culturas, âmbitos e momentos evolutivos diferentes. Vemos que o capitalismo não nasceu feito, que teve uma evolução e isso está dentro da lógica vital humana.

O que não podemos, em hipótese nenhuma, é afirmar que qualquer uma das formas ou manifestações do capitalismo seja superior a outra. Devemos considerar que formas mais “brandas” foram manifestações relativas a situações momentâneas, que sempre procuraram - e até agora sempre conseguiram - evoluir a formas mais “du-ras”, procurando a síntese total que hoje faz a desgraça da humanidade e do Planeta.

Desde esta perspectiva, também não podemos separar - e temos que colocar no mesmo saco - as manifestações do capitalismo de mercado e do capitalismo de Estado. Eis aqui onde a maioria dos autoproclamados socialistas esbarra em suas apreciações: esquecem-se do âmbito onde estão inseridos aqueles seres que pretendem socializar. Hoje podemos compreender que não basta socializar os meios de produção e os serviços, nem repartir mais eqüitativamente os produtos, para dar uma melhor qualidade de vida e dignidade para todos nós.

O erro de apreciação social-democrata custou muito caro à humanidade. Setenta anos de “socialismo real” bastaram para demonstrar o quanto estavam afastados do sonho “comunista-utópico”, do qual alardeavam que era a meta perseguida. Conseguiram sim um encomiável avanço, ao produzir um capitalismo com alto conteúdo social; mas este, não estando regido pelas férreas leis que norteiam o capitalismo de livre mercado, não teve chance de se manter a si mesmo. Como também não conseguiu erradicar de seu meio a faixa dos que se beneficiam do poder, nem da burguesia exploradora. Foi um fracasso que ainda está travando as ações, tanto da esquerda programática, como de aqueles que se entendem como anticapitalistas militantes.

Mas esta situação também propicia a volta dos denegridos utopistas, munidos de uma pesada bagagem teórica e ideológica. O que dá lugar a outra pergunta: quem era mais ou menos científico? Aquele que profetizou uma revolução e uma sociedade dentro de certos parâmetros, ou quem explicou claramente e ponto por ponto, cem ou cento e cinqüenta antes do desenlace fatal, o por que aquele projeto não podia dar certo? Pois a inviabilidade do projeto marxista e seu desenlace foram amplamente discutidos e previstos, muito antes do triunfo da revolução soviética.

Hoje aqueles sócio-utópicos voltam com força, têm o que dizer e têm propostas para aplicar e desenvolver, em forma imediata. Um século de ostracismo, perseguições e eliminações físicas não mataram a semente, porque esta

forma parte do sonho superior humano. Mau favor à humanidade faz a esquerda tradicional, desconhecendo estas legítimas manifestações humanas, colocando mil empecilhos - práticos ou teóricos - no caminho da evolução e da revolução. Sua auto-afirmação científica, pelo menos poderia ter a humildade de verificar experimentalmente aquilo que está combatendo há cento e cinquenta anos e, conseqüentemente, fazendo o jogo do capitalismo, que assiste prazerosamente desde o camarote de honra.

A união não é possível desde posições dogmáticas, e isto tem afetado profundamente o andamento do projeto revolucionário democrático. O que devemos definir é o que possa ser melhor para o ser humano, sem nos esquecer o lugar que este dispõe para viver e se reproduzir.

Ao examinar pontualmente diversos aspectos do capitalismo e não só limitando-nos a considerar seus efeitos na sociedade humana, reconhecemos seu imenso efeito depredador e destruidor da natureza. A tão cacarejada superioridade do capitalismo neoliberal se dá às custas da integridade do Planeta, produzindo a maior devastação da história. Pior que uma horda de hunos qualquer, por onde passa nada volta a crescer. Daí subentendemos que um possível mundo novo não possa se dar sobre as bases de uma competição que iria definir qual tipo de capitalismo é o melhor. Também não podemos confundir relações de produção com métodos de produção. Se existe um fato que pode derrubar o capitalismo e comunismo

enxergado pela esquerda, é exatamente o método de produção, a forma extremamente errada com que a ciência e a tecnologia estão sendo aplicadas para produzir tanta riqueza. É isso o que está levando à destruição de nosso habitat e tornando inviável toda vida futura.

Assim, qualquer projeto socializante, que pretenda apenas mudar as relações humanas nos centros de produção, mas continuando a usar os mesmos métodos e, inclusive, exacerbando-os para mostrar sua superioridade, não têm mais futuro nem mais validade que o atual projeto neoliberal. Um projeto realmente socialista - atendo-nos ao contexto, real e profundamente comunista - hoje só pode ser concebido dentro de um contexto ecológico-social, o qual exige a consideração de uma reformulação científica das tecnologias aplicadas na produção.

É um erro brutal pretender que possamos seguir pelo caminho errado, pelo qual o capitalismo nos está levando. Pretender que socialismo ou comunismo compitam nesta via, é arrastar elementos profundamente reacionários a um mundo de onde deveriam ser totalmente extirpados. Estes pensamentos reacionários, retrógrados e destrutivos não podem surgir de outra fonte que as ilusões de consumismo propaladas pelo sistema imperante e da credence igualmente ilusória dos tecnocratas imbecis que, ainda hoje, consideram factível um crescimento ilimitado da produção e, por extensão, do consumo. Já temos ido longe demais e as futuras gerações irão pagar caro por nossos erros.

Então, basear o modelo de um mundo comunista ou comunitário-socialista, nos mesmos métodos de produção e consumo, é um suicídio. Projetar a implementação e o desenvolvimento da relação igualitarista, baseando-se na substituição do trabalho humano pelo autômatocibernético, se apresenta como extremamente anticientífico, totalmente fora de contexto planetário e tecnicamente inviável. Mais nada que a projeção de sonhos de ciência-ficção.

Basicamente é o mesmo que o capitalismo vem propagando para justificar sua existência. É o tipo de pensamento que deve ser afastado, totalmente erradicado de qualquer ideologia que se prece de revolucionária. Trilhar essa via é tempo perdido, serviço gratuito para a besta, energia entregue aos inimigos da vida. É, no mínimo, uma postura falsa, anticomunista e contra-revolucionária.

Pra nós é óbvia a necessidade da construção de uma nova relação de produção e mais que óbvio de que esta tem que começar a ser criada no seio da sociedade capitalista, crescendo e se relacionando horizontalmente, ao mesmo tempo em que deve desenvolver meios de se contrapor, em forma contestatória, ao sistema hegemônico. Deve contra-restar a ação desse sistema, dificultando e impedindo seu desenvolvimento. Mas tanto ou mais importante também se apresenta a necessidade de mudar os métodos de produção, desde um ponto de vista ecologicamente aceitável.

* * * * *

Erigindo-o em profeta da pós-modernidade - nem um Daniel contemporâneo -, os discípulos relêem, reordenam, reacomodam as velhas profecias fuleiras, enxergando agora um comunismo tecnocrata, no terceiro milênio. Os métodos e as formas de produção são confundidos e embolados para tentar explicar uma “profunda crise” no capitalismo, do qual sua última expressão deveria ser o neoliberalismo. A revolução técnica, sobre a qual se apóia o desenvolvimento deste, também seria a base de um mundo novo igualitarista, por implosão do sistema dito autófago. Logo mais, por meio de robôs ou máquinas flexíveis, todas as necessidades estariam cobertas. A revolução se produziria quando, por uma mágica “cientificamente” deduzida, o ser humano não teria outra opção senão viver pacífica e fraternalmente, cultuando as artes, os jogos, os espetáculos, e o sorriso para o vizinho.

Mas isso tudo sempre com o Partido Revolucionário no Poder, para dirigir as massas ao destino da felicidade. Estagnando-se, de passo, em um anti-socialismo de mercado estatal, sem se preocupar pela evolução psicossocial das pessoas, nem de tomar em conta o estado em que o projeto deixa o Planeta.

Isto não difere muito de capitalismo privado, só que este prevê bem menos sobreviventes, que façam parte da realização do paraíso terrestre. As coisas não diferem o bas-

tante, como para tornar uma das duas manifestações mais empolgante que a outra.

O que se poder resgatar de comum nestas concepções aparentemente antagônicas, é a estruturação vertical e centralista do poder, remanescente ingrato das sociedades vulgares apoiadas em estruturas religiosas ou fortemente influenciadas por elas, das quais nem o socialismo bolchevique se liberou. Este pretendido socialismo, que de real pouco tinha, cooperou com o capitalismo privado na eliminação/erradicação dos socialistas-libertários e anarco-comunistas, que projetavam a instauração imediata de uma sociedade sem classes, sem privilegiados nem poderes centralizados e verticalistas.

Nesta guerra de extermínio contra os libertários igualitaristas, os vermelhos estatizantes de partido único e os exploradores da iniciativa privada não se distinguiram no feroz encarniçamento contra as forças mais progressivas que a humanidade jamais antes conheceu. No mundo ocidental e em sua área de influência, também a igreja cristã, em suas diversas formas e manifestações sectárias, colaborou sensível, decidida e muitas vezes determinadamente na luta irracional contra o “mal” que ameaçava as estruturas hierárquicas estabelecidas. A inquisição se estende até nossos dias, ainda que os implementos de tortura e morte não estejam mais diretamente nas mãos dos homens de batina e cruz na mão.

Hoje mesmo e como sempre foi, as tendências ou manifestações humanizantes, libertárias e igualitaristas, que se

produzem no seio da religião cristã, são rejeitadas e abafadas pelos órgãos detentores do poder central. Assim os porta-vozes de nova interpretação doutrinária são calados e perseguidos, ainda que de forma bem menos cruel que há poucas gerações atrás. A igreja prossegue seu discutível discurso duas vezes milenar, veste roupagens emprestadas do iluminismo que combateu a sangue e fogo, se proclama humanista, se coliga a forças políticas democráticas burguesas aparentando uma certa esquerdização, leva uma pequena porção de ajuda de sobrevivência a algumas pessoas, mais para ocultar que para lavar seus pecados; mas sua ação global em prol do surgimento do novo ser humano na nova sociedade é extremamente ineficiente e protelador.

E não é estranho que assim seja, pois sua própria concepção do universo a impulsiona a reproduzir uma estrutura hierárquica verticalista, com claras menções a indivíduos, castas, povos ou classes, que são considerados privilegiados frente a outros. Assim, o paraíso almejado, fruto da evolução humana, não pode ser nem será cristão, como também não compartilhará espaço com nenhuma das religiões até agora conhecidas na história do Planeta. Não tem lógica nenhuma que os elementos que sempre atrapalharam e atrasaram a evolução de nossa espécie, tenham lugar em um mundo que se gabe de ser totalmente diferente ao que até agora registramos.

Também é muito difícil conceber um mundo humano sem religião, como “iluminados profetas” prediziam nos séculos XIX e XX. Não é muito fácil concordar com a idéia que

o ateísmo seja a forma mais avançada da evolução humana, como os cientificistas e anarquistas ultrapassados pretendiam. Ficou demonstrado, em sociedades que pretenderam implantar sistemas cientificistas-ateus, que foi impossível erradicar o conteúdo místico ou o sentimento religioso das massas comprometidas com a mudança revolucionária. E mais, que este sentimento e conteúdo foi fundamental para o triunfo de dita revolução, para a manutenção do sistema que geriu e para que sua ideologia se espalhasse a muitos outros cantos do Planeta.

Não é este sentimento místico-religioso que é daninho à evolução humana. É sua manipulação para justificar reduzidas elites que controlam as instâncias de poder real, o que sempre prejudicou a humanidade, como sempre temos observado em toda e cada uma das manifestações religiosas ou ateístas, que a história nos legou.

É esse o entendimento que herdamos através das poucas obras que sobreviveram o terror da destruição da que foram vítima os cérebros mais esclarecidos de nossa espécie. A violência dos fanáticos, cegados e atizados pelo poder, sempre destruiu o melhor que temos produzido, favorecendo sempre a poucos privilegiados e relegando ao obscurantismo e à miséria a maior parte da população.

É isso o que tem que mudar, de forma extremamente radical e urgente, mas hoje apenas se ouvem algumas poucas vozes coerentes que assumam a luta pelo ideal ancestral. Até as vozes que clamam por um mínimo de

dignidade na sobrevivência, dentro dos parâmetros do sistema atual, sem exigir grandes mudanças, estão se calando ante a tremenda agressividade do capitalismo total. As pessoas não podem mais sobreviver nesta situação limite, nem o Planeta agüenta mais; mas as poderosas elites dominantes, fortemente armadas, auxiliadas por religiões entorpecentes e um aparato de comunicação alienador e narcotizante, controlam totalmente a execução de seu plano exterminador.

A religião cientificista, engendrada no século XVIII, nos foi legando muitas idéias ou crenças que, apesar de não haverem resistido o passo do tempo e hoje, à luz da ciência contemporânea, se demonstram totalmente erradas, servem como alicerce para as justificativas dos que propagam a fé do capitalismo. Assim este explica - sem remorsos - a ignorância, a doença, a fome, enfim a miséria material e moral de bilhões de seres; justificando até sua morte ou extermínio final. Tudo abençoado pelo religionismo oficial e sem oposição concreta dos patriarcas, supostos vicários do Único.

* * * * *

Quantas vozes se opõem?

Destas, quantas conseguem ser escutadas por alguém?

E destas, quantas conseguem transformar o clamor em ação concreta?

E destas, a sua vez, quantas podem real e concretamente tirar a humanidade do inferno em que está submersa?

O silêncio e a quietude são a resposta, num Planeta no qual nos tornamos o mais hostil dos habitantes. Destruir e matar, espalhar o horror e o terror, é o lema. A consciência desperta e a honradez são consideradas empecilho para os fins dos poderosos que usufruem da reduzida quantidade de produtos modernos e de alimento nutritivo. A corrida pelo poder, ainda seja pelos mais mínimos retalhos em pequenas agrupações locais, reveste formas desesperadas de conservar a sobrevivência. O poder é o que dá comida, dá habitação, dá conhecimento e enquanto mais poder, mais coisas se consegue. Ou então se serve aos poderosos, que algumas migalhas arriscam sobrar para os serventes crentes e obedientes. Assim se consegue uma limitada sobrevida, surdos aos injustos sofrimentos próprios e alheios.

Toda esta massa é massa sobrando no projeto do capitalismo total. Não têm lugar, não têm espaço considerado no desenvolvimento tecnocrático. O mundo futuro é concebido apenas para uma pequena parcela da população atual, pelos propulsores do neoliberalismo. Apesar de cruel, a etapa que atravessamos é apenas isso: uma etapa que onde estão sendo selecionados elementos aptos para passar à etapa seguinte, ainda mais cruel para com a-

queles que não terão a mínima possibilidade de acesso aos restritos, reduzidos e concentrados bens de mercado.

Se imaginarmos um mundo todo robotizado, com máquinas flexíveis e até com certas características inteligentes, onde os humanos apenas tenham que fazer o mínimo, quase nada, ou nada mesmo, para cuidar de sua própria sobrevivência, deveríamos também perguntar-nos se haveria alguma razão, sob a ótica capitalista, que o possuidor / dono de uma [ou mais] destas máquinas for produzir para outros, se este ato não ia lhe produzir valor adicional nenhum. Claro que não. Pior ainda, ele não ia arriscar abastecer as necessidades de aquela incômoda turba que ameaça seus privilégios. Ele não precisa mais de aqueles. Por isso também não vai produzir mais das novas máquinas para entregar aos que exigem a socialização da tecnologia e da ciência. Os novos poderosos burgueses cibernéticos são donos das marcas, das patentes, dos registros fabris, dos alvarás de funcionamento, dos contratos de propriedade ou exploração sobre as mais diversas coisas, os transportes e a mídia, os jazidas das matérias primas, os lugares mais aptos e melhores para moradia, recreio e lazer, as instituições de ensino e das que cuidam da saúde e, principalmente, dos meios de produção, que cada vez precisam de menos atendimento humano.

Associemos aqui a “produção de seres humanos” com características especiais, aptos para tarefas específicas, como tenta a engenharia genética em mãos dos eternos criminosos, e compreenderemos que a redução dos mer-

cados é um fim planejado e consciente do capitalismo total, e sob hipótese nenhuma o reflexo de uma pretendida crise.

O que é duro de aceitar é a terrível redução na quantidade de possíveis sobreviventes que ingressariam à posteridade como a lembrança dos tempos em que a população terrestre crescera mais do que era sustentável.

Eis a disputa: os detentores do poder não conseguem mais sustentar sua vida luxuriosa, pois há humanos demais no Planeta. Também não mais precisam destes para explorá-los em próprio benefício. As novas técnicas e sua aplicação no âmbito capitalista deixam obsoleta a própria humanidade e ditam o fim desta; ao menos da grande maioria, pois quem tem poder acha que poderá sobreviver no terceiro milênio, num planeta dilacerado, ferido de morte, para satisfazer apenas o sonho doentio de uma minoria assassina.

Este projeto do capitalismo total tem tão pouco futuro como o projeto do comunismo dito científico, baseado na socialização do conhecimento e da tecnologia de produção. Ambos debocham dos conceitos morais e éticos que poderiam fundamentar uma sociedade igualitária; ambos se opõem ferventemente à socialização do poder, que foi e é o pilar fundamental do ideário dos socialistas-libertários e dos comunistas ditos utópicos.

Acontece que, sem essa socialização do poder, sem esses fundamentos morais e éticos, sem a afirmação de valores

totalmente diferentes e freqüentemente opostos aos que atualmente se cultuam, não há condição de poder surgir um ser humano que possa se desenvolver num âmbito verdadeiramente comunista, onde o respeito à natureza seja a norma de vida principal. Estes são elementos não considerados ou não aceitos pela falsa esquerda, que pretende se reacomodar no espectro político atual, procurando seus nichos de poder e continuando sua guerra contra a verdadeira vanguarda humana.

Tanto o poder eclesiástico como a esquerda cientificista e tecnocrática, desenvolveram doutrinas que deixam via livre ao crescimento do capitalismo. O primeiro não se opõe em forma efetiva, não confronta ou mais bem se associa em cumplicidade manifesta; o segundo não consegue uma formulação clara e coerente sobre a qual se pudesse construir um plano de ação que acabe com a situação insustentável na qual nos encontramos. Além de impedir o surgimento de idéias, propostas ou ações que difiram de suas rígidas crenças, que estejam afastadas de suas dogmáticas afirmações, ou que simplesmente possam demonstrar em suas ações a invalidade das propostas dos gurus do partido.

Os seguidores destas agrupações não poupam trapaças para manter ou conquistar o poder, não se diferenciando, em seu acionar, da mentalidade que produz os casos clínicos conhecidos como totalitarismo e imperialismo. Ou seja, são totalmente opostos a um sistema democrático popular [valha a redundância], que vise a liberdade, a paz,

a justiça e a igualdade, entre a grande variedade de seres que compõem a massa humana.

Temos ainda o exemplo desalentador de militantes cristãos ocupando espaços na esquerda, conseguindo desarmar, amolecer e aburguesar as forças realmente revolucionárias nela ainda contidas. De tudo se faz para conservar o esquema, para evitar o abalo da civilização que se apóia e justifica no conceito do deus único, que ordena o Planeta na hierarquia incontestada. Mas eles não passam de esmoladores transvestidos de uma caridade muito duvidosa, nas ações que alcançam os deserdados do sistema. Travam, ao mesmo tempo, toda ação efetiva e concreta que possa representar uma real solução ao conflito milenar, ou uma resposta concreta ao também milenar clamor por justiça.

Tudo o que represente um perigo à hierarquia é desativado, desencorajado ou combatido. O sistema social baseado na direção que emana do poder concentrado, exercido em forma vertical, não é abalado. Isto é uma luta que, só dentro da igreja cristã, supera mil e quinhentos anos. Seus desdobramentos a âmbitos leigos são muito óbvios através da história, permeando todo resquício das diferentes sociedades humanas. Durante as trevas da Idade Média, milhões morreram por se expressar a favor de formas sociais mais humanas e libertárias, e não cessaram de morrer até hoje por essa única causa: a estrutura de poder entre os humanos deste Planeta.

Sempre, desde que temos notícia, houve indivíduos, famílias, clãs, tribos, povos e nações que se manifestaram encarnações de alguma divindade, ou eleitos/preferidos por alguma destas. Até o dia de hoje, agora mesmo, são muitos milhões de seres que justificam suas ações com base a crenças análogas.

Não adianta adorar os deuses da desigualdade. Estes sempre determinarão a morte dos dissidentes e nunca conseguirão a paz na Terra. E hierarquia traz desigualdade, poder centralizado traz desigualdade, verticalismo traz desigualdade, os autoproclamados eleitos trazem desigualdade, e nosso sistema econômico produz uma desigualdade tão feroz, que condena ao aniquilamento já não tão só aos dissidentes, mas também toda aquela massa humana composta de bilhões de seres inocentes, que não lhe são mais úteis e até entravam os gozes luxuriosos dos detentores do poder.

Nesta paisagem, a revolução científica pós-moderna vai ter que ser efetuada por cadáveres, pois o novo momento estratégico, no qual se dariam as condições objetivas, é concomitante com a aniquilação do povo que deveria realizá-la, junto a toda a espécie humana. O proletariado não tem condições de sobreviver até que a profecia neomarxista possa ser cumprida. E, se por acaso ou milagre chegasse lá, o próprio Planeta estaria tão abalado que não mais poderia sustentá-lo; tal como não poderá, de maneira alguma, sustentar uma civilização totalmente tecnologicizada, nos padrões capitalistas atuais.

Assim, a posição ou visão dos socialistas ou comunistas ditos científicos, tanto como a dos capitalistas de mercado, é totalmente insustentável, condenada ao fracasso e inseqüente com os mais altos e puros ideais humanos. E a igreja, como grande prostituta, se fazendo de cega, surda, muda e parálitica, em uma imperdoável e criminosa posição de cumplicidade e aproveitamento material.

Por outro lado, a posição do verdadeiro e genuíno revolucionário sempre foi imediatista. Querendo a mudança, o mundo novo, para seus netos e bisnetos, também sempre quis o novo mundo para si mesmo e para seus contemporâneos. Suas condições objetivas para realizar a revolução, referiam-se às táticas de aplicação imediata e não a confusas estratégias de prazos a perder de vista. Nos relativamente poucos exemplos que fazem parte de nosso legado histórico libertário, a ação libertadora ia à par da criação da nova relação igualitarista. O comunismo era estabelecido sem transição [e sem teorizar sobre quais as formas de produção que poderiam permitir este]. Que perderam aquela luta é mais do que óbvio, mas não perderam a guerra, ainda. Perderam porque foram massacrados pelo poder de plantão, tanto da direita como da esquerda, e não porque sua base de produção tenha sido manufatureira, agro-pastoril, nômade ou demais.

Sempre foi possível conceber o comunismo na relação sócio-econômica humana, independentemente do grau evolutivo do sistema de produção. Aliás, parece ser claramente observável que a maior evolução do capitalismo

se da justa e concomitantemente em forma paralela ao avanço técnico. Esperar que só a disponibilidade social da tecnologia acabe com o capitalismo e produza as condições objetivas para uma revolução socialista triunfante, é uma incongruência científica, que nenhum revolucionário pode sustentar na teoria nem na prática. Isso é conversa fiada de burguesinho acomodado ou “revolucionário de salão”, que arruma o mundo inteiro depois do segundo coquetel, ou depois da primeira meia dúzia de cervejas num boteco. Sua contribuição revolucionária geralmente não passa de uma assinatura de alguma publicação do partido de sua preferência ocasional.

Para um autêntico revolucionário, as condições objetivas da revolução estão dadas, sempre estiveram dadas e nunca teve que se esperar para entrar em ação. Convertendo-se em operário da revolução, montava sua fábrica de seres novos que estabeleciam relações diferentes entre eles, que se baseavam em valores diferentes dos valores do sistema rejeitado. Nunca deixaram para o futuro o que era necessário fazer já. Seu trabalho é de base, de modificação do fundamento e logo depois da construção de superestruturas, considerando-as como elementos sociais orgânicos, destinados a facilitar e simplificar a sobrevivência e o desenvolvimento harmonioso do todo social e natural. Por isso um revolucionário não pode se preocupar pelas formas de poder atuais. Têm que desenvolver as próprias, é claro, mas bem diferentes das contemporâneas. Em sua ação reconhece a inutilidade, o grave erro e a inútil perda de tempo de tentar conquistar os redutos de poder do sistema. Um revolucionário simplesmente

não faz parte desse jogo, nem pela razão da pseudodemocracia burguesa, nem pela força do confronto violento.

Suas armas hoje são outras. Ou poderia se imaginar alguma organização revolucionária que possa armar seus exércitos vermelhos para enfrentar, com possibilidade de êxito, a infernal parafernália guerreira que o sistema dispõe? A idéia não cola mais, enfrentada com a situação atual, com a correlação de forças presente. Hoje chega a ser por demais extremamente ridículo cogitar essa possibilidade. São sonhos de visões delirantes, próprias de dinossauros extintos. Na realidade atual, é isso mesmo o que o sistema espera que aconteça, para dispor de um bom argumento que justifique a eliminação rápida do “sobrante humano”.

Há oitenta anos, num império fraco e subdesenvolvido, foi possível; como também há quarenta, em uma pequena ilha caribenha e devido à incompetência diplomática americana; além da epopéia chinesa, algumas anexações decorrentes da guerra européia, e mais nada... ou podemos incluir as guerras tribais africanas? Mas hoje, bem no fim do século XX, é verdadeiramente pedir demais, sonhar demais, vencer aquele monstro que nos ofende, pela força da violência guerreira. Os fatos que nos antecederam deram subsídios ao sistema, que hoje se torna inexpugnável pela força das armas. Sua capacidade de defesa e ataque é diabólica, seu armamento de uma sofisticação sem precedentes. Aqui sim que as condições objetivas para uma luta não estão dadas. Mas, ainda assim, as condições para uma revolução sempre estão da-

das, se considerarmos os elementos certos e as formas certas que a façam eclodir. E não há, não existe momento objetivamente mais apropriado que agora mesmo, para começá-la. Ou parodiando um financista do sistema local: “O IDEAL MESMO É NÃO ESPERAR PELO MOMENTO IDEAL”. O neoliberalismo que o diga: passa o rolo compressor quando bem lhe parece.

O revolucionário não empurra esse momento com a barriga. Têm a consciência de um monge missionário que luta pela preservação da vida, em toda sua diversidade de manifestações. É um monge guerrilheiro nas urbes e no campo, com a missão de seguir uma estratégia e táticas diferentes, que desconcertam e até parecem esquisitas aos pretensos revolucionários da esquerda anquilosada. Estes ainda não entenderam que a revolução na tecnologia produtiva explorada pela direita, nem a revolução social almejada por eles, não são compatíveis com a capacidade do Planeta, nem com as reais capacidades humanas. Assim, o revolucionário contemporâneo descarta a luta armada e a luta “democrática” pelo poder entre as duas tendências aparentemente antagônicas, e reorganiza as forças da vanguarda, objetivando revolucionar a tecnologia, procurando formas mais harmoniosas e que sejam sustentáveis pela natureza em longo prazo; ao mesmo tempo em que organiza/revoluciona as forças sociais que ficam cada vez mais desamparadas pelo sistema. Este novo tipo de revolucionário, que não busca o poder pelo poder nem precisa dele para sobreviver, é quem pode organizar os sobreviventes em formas sócio-

econômicas novas, que sejam ecologicamente sustentáveis.

É por aí que pode renascer a força opositora do povo, que assim poderá organizar as ações que acompanharão a derrubada da aberrante estrutura atual. Mas estas não precisam necessariamente ser ações que comportem violência física. Esta é mais esperada por parte dos mecanismos do sistema, que nunca suportaram elementos diferenciadores em sua composição. Mas há muitas formas e maneiras de neutralizar e destruir o sistema, sem se expor de forma suicida e sem produzir mártires desnecessários. A inteligência guerrilheira, minoritária em efetivos e inferior em armamentos, conseguiu vencer os mais poderosos exércitos do Planeta.

É claro que assistimos também a muitas derrotas. No fundo somos os eternos perdedores, pois ainda não conseguimos alcançar nosso objetivo: edificar a nova sociedade planetária. Isso pode nos entristecer, mas a lembrança dos companheiros caídos, cruelmente massacrados, também nos enche de energia, além de orgulho, por ser portadores da mais bela tradição da cultura humana: a luta pelo bem-estar e a dignidade de todos os que se reconheçam humanos.

Não esqueçamos da rebelião judaica, inspirada por Jesus de Nazaré, o primeiro caso conhecido e documentado de um anticapitalista a ser torturado e morto por suas convicções. Seus seguidores também seguiram táticas de guerrilhas urbanas para sobreviver na fé e proliferar. Co-

mo muito mais tarde o Mahatma na Índia e o pastor Luther King nos EUA, usaram táticas de não-violência dinâmica para conservar e reproduzir suas comunidades igualitárias. Só foram vencidos por dentro de sua própria igreja, pela imposição do papado protegido por reis e imperadores, a quem não interessava uma nova ordem que desconhecesse autoridade terrena, que não aceitasse o comércio lucrativo, que se opusesse à exploração desumana dos escravos e ao uso dos servos em suas guerras particulares. O final das últimas comunidades cristãs puras, primordiais, foi ordenado quinhentos anos após a morte de seu messias, por decreto do imperador Justiniano, quem deu totais poderes ao papa de Roma para torturar, julgar, condenar e ajustiçar a quem quiser e da forma que quisesse.

Não foi ali que começou a matança. Esta sempre existiu e sempre houve períodos nos quais foi mais ou menos cruenta. Mas desde aquele período que começa na primeira metade dos anos quinhentos, até o final do mil e setecentos desta Era Vulgar, a selvagem persecução aos libertários, aos igualitários, aos pacifistas, aos humanistas, não conheceu folga. Apenas parou com a prisão e deportação do papa chamado Pio VI. Pouco durou o respiro de alívio da humanidade, pois dois anos depois um novo papa era eleito, empossado e designado rei e deus na Terra. Mas nunca mais os desmandos da igreja romana alcançaram extremos tão terríveis como nesses quase mil e trezentos anos anteriores. É parte da medida do atraso evolutivo que o cristianismo deve à humanidade.

Foi só então que começaram a proliferar as obras literárias dos autores preocupados com a questão social. O antigo *Imprimatur* cedeu passo ao “Index”, que apenas listava os livros que um “bom cristão” não devia ler, e que sobreviveu até o ano 1963. Seus autores não eram mais queimados em praça pública junto a suas obras. Agora podiam ser perseguidos socialmente, de um certo modo, mas cada vez menos podia se impedir que estas obras chegassem a um público cada vez mais amplo.

Toda esta história de arrepios também trouxe consigo que boa parte dos reformadores sociais se declarasse abertamente como ateus e anticristãos. Temos os exemplos mais marcantes nas teorias e filosofias sociais do século XIX, praticamente em toda a esquerda mais ou menos radical. Esquerdismo foi, em muitos lugares e durante muito tempo, sinônimo de ateu. Hoje os cristãos estão conseguindo reverter o quadro, mas se fazem culpáveis de um muito sensível enfraquecimento das ações e atividades que poderiam levar a uma mudança drástica na relação sócio-econômico-ecológica dos humanos; fato que caracterizamos como revolução. Nossos próceres tinham mais perto a lembrança da covarde perseguição e nos legaram suas conclusões impressas em papel.

Muitas destas obras também estão perdidas. Desde que a igreja em boa medida se subordinou ao poder do Estado, este tomou em suas mãos a missão persecutória, mas nunca foi tão bem sucedido como os terríveis homens da

inquisição cristã, seguidos bem de perto pelos regimes totalitaristas de inspiração nazista e soviética.

A difusão dessas idéias pró-socialistas também contribuiu a um relativo avanço nas conquistas sociais, ajudando a uma preservação maior dos pensamentos que vieram à luz nessa época. É o que o neoliberalismo está revertendo em todo lugar. Ainda hoje podemos alimentar nosso intelecto com as obras dos vanguardistas sociais. Mas nada nos pode devolver o que foi produzido em aqueles mil e trezentos anos infernais, como não poderemos nunca recuperar a lendária biblioteca de Alexandria, também vítima dos absurdos déspotas ávidos de poder.

O começo do derradeiro século do segundo milênio aparecia cheio de promessas para os despossuídos. Tudo o que faz a felicidade humana parecia possível de ser conquistado. O fim da opressão acenava em um horizonte quase que palpável. O século XX veria o fim do autoritarismo e da exploração do humano pelo humano, veria a ciência florescer para benefício de todos por igual; doenças desapareceriam ou seriam tratadas com a maior facilidade; o trabalho seria pouco e suportável; o saber, a cultura, as artes estariam ao alcance de qualquer um. Ó século maravilhoso que se projetava na frente, fruto da luta do poder popular que surgia invencível, acreditando que tinha chegado sua hora.

A profundidade do desengano só é comparável ao estóico sofrimento dos imensos contingentes de famintos, doentes, ignorantes, desesperançados, abandonados nos piores cantos das periferias das cidades inchadas acima de

qualquer possibilidade de organização. E nos campos fartos, trabalhados por máquinas, produzindo para quem ninguém vê nem conhece, enquanto o camponês fica sem terra para tirar seu sustento. Nas fábricas, cada vez mais enxutas, organizadas ao micronésimo de segundo, a produção vai para a reduzida casta aristocrática parasitária, graças aos poucos operários restantes que conseguem, com a própria prostituição laboral, sobreviver um pouco melhor que os desempregados.

Olhando ao redor observamos uma destruição planetária da natureza, sem precedentes ou paralelo na história humana. Se contarmos toda a destruição produzida pelos humanos desde que apareceram nesta Terra, nem toda ela acumulada se poderia comparar com o que foi destruído nos últimos cinquenta anos. É dado conhecido pelos especialistas, mas nem assim se tem intenção de pôr um freio. Muito pelo contrário, a intenção manifesta é a de intensificar a devastação. É realmente muito doloroso observar tanta imbecilidade e desconsideração, junto a tanto silêncio e inatividade, frente a uma situação que indefectivelmente nos há de levar, se não ao colapso total do Planeta, pelo menos ao fim da vida humana nele; ainda que o colapso possa ser concomitante.

Essa é a base objetiva e científica na que se apóia a nova revolução. Seu objetivo é proteger o Planeta e salvar a humanidade da destruição. Paralelamente deve incutir os novos padrões que devem ser observados para contribuir efetivamente à felicidade humana, apoiada na aplicação de elementos técnicos que se demonstrem cientificamen-

te aptos para a continuação da vida, considerando as características especiais e únicas do meio ambiente no qual estamos confinados.

Esta vanguarda revolucionária tem que considerar como iniludível parte de suas tarefas a formulação e o desenvolvimento de uma profunda e radical revolução científica. Este aspecto revolucionário não tão só deve afastar a ciência das aplicações que visem lucro e poder, como é fato presente, mas também têm a obrigação de questionar as invenções técnicas e a própria tecnologia aplicada atualmente.

Desde os tempos do iluminismo do século XVII, em forma cada vez mais acentuada e atravessando o século XX, cresceu a fé humana na ciência. Cada novo descobrimento foi cumprimentado como uma nova conquista do ser humano, rumo ao domínio da vida e do Planeta, que conduziriam a um bem-estar geral e, por conseguinte, à almejada paz e felicidade. Hoje observamos que apenas levou à satisfação de escassas personalidades e que todos os inventos e descobrimentos são usados e aplicados para fins de dominação e opressão, beneficiando apenas uma exígua parte da humanidade. Não podemos culpar outra coisa que o nosso atual sistema sócio-econômico-político.

Mas a surpresa mais perturbadora que nos apresenta este fim de milênio é a descoberta e constatação da fragilidade de nosso meio ambiente. Este é um dado essencial para compreender a nova forma e conteúdo que deve as-

sumir a revolução do terceiro milênio cristão. Mas é um erro pensar que a origem dos problemas está exclusivamente no estilo de vida que nos impõe a “civilização” contemporânea. Este estilo de vida está apoiado num imenso parque industrial planetário, baseado em formas de produção que estão predando o Planeta de todos os seus recursos disponíveis, destruindo, de passo, absolutamente tudo. E tudo isto, com elementos produzidos pelo pensamento e por métodos científicos. O único fato que nos impede nos tornar “inimigos da ciência”, é que graças a esta mesma podemos constatar a tremenda aberração que está acontecendo.

Podemos considerar a Ciência como um elemento neutro. Seu uso e aplicação pelos humanos é que pode se considerar positivo ou negativo, segundo o caso. Hoje é claro que muitos inventos têm sido extremamente nocivos à humanidade, sendo que vários constituem uma forte ameaça à habitabilidade do Planeta e, em conseqüência, à preservação da vida. Sem dúvida que muitas invenções derivadas dos conhecimentos científicos deverão ser abandonadas totalmente e, se estas não puderem ser substituídas por outras que cumpram a mesma função - mas que sejam mais “amigáveis” ecologicamente falando - também terão que ser mudados usos e costumes que se desenvolveram junto a essas invenções.

O caso da lâmpada incandescente é exemplar, sendo um caso patente de deseconomia, que apenas serve para encher os bolsos dos donos de certas indústrias, havendo

substituto que poupa oitenta por cento do consumo energético na iluminação.

A energia nuclear é outro caso, onde a indústria afirma que seus reatores são seguros e limpos, o que é extremamente discutível em termos de segurança total. Além do mais, o lixo produzido permanecerá altamente tóxico e radiativo por milhares de anos. O problema da destruição do lixo nuclear não foi resolvido ainda, “apenas” adiado por milênios. Difícil acreditar que seja racional e científica ou socialmente defensável seguir produzindo e acumulando este tipo de resíduos em nosso Planeta.

Só de exemplos podemos encher volumes inteiros. Nos dois casos, apresentados a esmo, a substituição de um elemento ou a eliminação de outro, não influencia de maneira alguma os costumes do cidadão comum. Outra coisa é quando nos poderíamos referir ao emprego generalizado dos meios de transporte, com fins de lucro. Lembremos que a liberdade americana anda de automóvel. Foi o símbolo de marketing que venceu as barreiras que se opunham a sua produção e comercialização. Hoje mesmo, a possibilidade de viajar, de transportar pessoas e coisas a grandes distâncias, se considera uma conquista de nossa civilização científica e tecnológica. Mas, muito mais do que isso, toda a concepção da deseconomia globalizada descansa sobre os fundamentos constituídos pelo transporte de matérias primas e produtos elaborados para todo canto do Planeta.

Este é um esbanjamento energético impressionante, com tendências ao crescimento ilimitado, que apenas beneficia reduzidos grupos econômicos. É muito óbvio que é um caminho a ser reconsiderado, desde seus fundamentos econômicos e suas bases tecnológicas, até seu rol social, pois, apesar do imenso consumo de recursos, não produz bem nenhum para uma esmagadora maioria da humanidade. Seria muito primário afirmar que uma socialização daquela estrutura de transportes beneficie à população, quando sabemos que o Planeta não têm condições de seguir agüentando a pressão produzida e não possui material suficiente para satisfazer a demanda global por muito tempo. O jogo se reduz à produção de lucros e vida mole para uma seleta minoria agora, e o resto que se dane, junto com o Planeta.

Eis a questão: a revolução social, junto com perseguir/almejar a socialização dos meios de produção, também tem o dever de desencadear, em forma paralela e concomitante, uma revolução científica que atinja as formas de produção em seu aspecto tecnológico. Uma civilização comunista não é concebível dentro dos parâmetros civilizatórios atuais, nem nunca jamais poderá existir em condições totalmente robotizadas, como sonham alguns ilusos iludidos. A história de nosso futuro tem que ser reescrita, o hoje totalmente repensado e nossas ações revolucionárias examinadas à luz de paradigmas antes inexistentes na mente humana, pois se carecia dos dados, da informação, do conhecimento, da experiência que os poderiam produzir. Não quer dizer que estejamos nos referindo aos paradigmas da nova esquerda que faz o jogo

do poder burguês. Esta só é mais uma falácia que distrai as mentes da verdadeira questão de fundo.

Este mesmo é o caso que aparece quando se quer conceber a revolução hoje tão necessária, nos moldes concebidos há cento e cinquenta, oitenta ou quarenta anos atrás, quando apenas a oratória inflamada dos líderes alcançava o povo, a palavra escrita começava a circular de mãos em mãos dos escassos alfabetizados, quando o rádio era artigo de luxo da burguesia acomodada, quando a televisão nem era conhecida na maioria dos países. Apenas na década em que começou a segunda grande guerra contemporânea, foi quando se deram os primeiros passos, se fizeram os primeiros experimentos, da aplicação do rádio ao serviço da opressão ditatorial. Seu guru alemão transmitiu ao mundo o poder da propaganda a serviço do poder. Foi apenas nos anos sessenta que alguns filósofos e cientistas rebeldes manifestaram sua insatisfação com o uso que se estava dando à imagem, prevendo o mundo anestesiado que hoje registramos.

Mas o caso foi muito mais longe que o previsto, se refinou e sofisticou bem mais rapidamente que o pensamento... e a mídia, em sua forma atual, é o maior instrumento de opressão dos povos, anulando as mentes, inibindo as ações não convenientes ao poder, incentivando atitudes estupidamente estóicas e um escapismo total da realidade consciente, destruindo culturas até não deixar rastro nem lembrança delas, distorcendo fatos ou mini / maximizando eles segundo o bel-prazer dos amos do mundo.

Esta “cultura midiática” penetra todos os rincões do Planeta, manipula a informação com extrema maestria, envenena as relações humanas e exerce uma tremenda influência sobre uma humanidade tão alienada como nunca antes se pode conseguir.

Se formos comparar, poderíamos imaginar a situação contrária, com os instrumentos da mídia toda em outras mãos, usada para outras finalidades, e poderíamos afirmar que só com esses elementos poderia se produzir uma revolução planetária e que esse feito poderia provavelmente ser levado a cabo em um período aproximado de cinco anos.

Mas nenhum dos dois casos poderia ser examinado à luz de teorias inspiradas por filósofos hegelianos do passado. Já não é o caso de instruir o proletariado. É o caso de acordar uma humanidade anestesiada, dominada pela imagem de um mundo virtual. A questão revolucionária se torna infinitamente mais difícil e complexa que no passado. Mas nem com isso faltam respostas que ajudem levar a causa adiante. Sempre todo problema se apresentou como insolúvel até que, de repente, foi resolvido e o seguinte apareceu ainda maior, até que foi solucionado.

O sistema não é um bloco monolítico inexpugnável. Tem facetas extremamente fracas e débeis, outras nem tanto. Algumas são ostentação pura e outras implodirão com ele. Além de tudo e não podemos esquecer disto, o sistema tem o tempo contado, não poderá sobreviver por muito tempo: ou implode com o Planeta, ou some junto à

humanidade. A tarefa ou missão revolucionária é evitar que o Planeta e a humanidade sejam afetados, fazendo o possível - e o impossível - para eliminar este selvagem e anacrônico sistema capitalista da face da Terra; e isto se faz começando a construir desde já aquele mundo novo, formando desde agora mesmo aquele ser humano novo, que terá condições de sobreviver e se reproduzir em forma digna ainda durante muitos milênios.

A questão do problema social humano não pode mais ser reduzida somente a um antagonismo dialético entre o trabalhador explorado e a burguesia exploradora. A massa humana afetada pela situação atual extrapola esta simplificação que, apesar de válida, não é suficiente. A tomada do poder pelo proletariado não resolve a questão, mais bem a embaralha e complica ainda mais, não dando os resultados apetecidos. Toda a teoria revolucionária da esquerda vermelha está totalmente obsoleta. Ela aborda somente um aspecto reduzido, somente uma parte do problema, e não encara questões que são fundamentais para a preservação de nossa espécie.

Seu efeito predador e destruidor do Planeta foi amplamente demonstrado na fenecida União Soviética [que também de soviética nada mais tinha], em sua periferia e em seus países satélites. Isto aconteceu porque se espelhou no capitalismo, perseguindo os mesmos logros, pretendendo ser melhor que este e não poupando ou rejeitando meios para demonstrá-lo. Além do mais, os trabalhadores nunca chegaram a exercer o verdadeiro

poder, que sempre foi manipulado por uma pesada classe de dirigentes buro-technocratas. Também não podemos esquecer os órgãos de repressão e extermínio que foram criados, desde a Tcheca até a famigerada KGB. Por trás das teorias e belas palavras humanistas, libertárias e igualitárias, foi construído um império dominado pelo terror, tão ruim como o império do ocidente que hoje se gaba dono do mundo.

Muito mal estaria servida a revolução se ficasse presa nesses parâmetros. Na verdade, basta observar o que acontece na esquerda politizada: nem conseguem se pôr de acordo entre eles, divididos por interesses pessoais e infinitas variantes interpretativas das teorias esclerosadas, se dividindo em inúmeras pequenas agrupações sectárias semelhantes à pulverização do cristianismo em mãos de oportunistas pastores evangélicos. É o prenúncio do fim e da superação destas expressões caducas.

Então deve estar claro que é da humanidade como um todo, da sobrevivência desta, que devemos cuidar, e não tão só de uma classe proclamada revolucionária. Em caso contrário, arriscamos implementar o mesmo cataclismo, o mesmo holocausto, que o sistema capitalista nos quer impor. A nova sociedade humana, que por enquanto estamos chamando de comunista [outra denominação pode surgir no processo, ainda seja só para diferenciar do conceito que foi tão atacado até agora], deverá surgir da compreensão, da absoluta certeza, que não existe outra forma que viabilize nossa sobrevivência.

Isto poderia ser comprovado cientificamente pela ecologia social e fundamentado na econologia. Podemos afirmar, sem dúvida alguma, que a sociedade humana tornar-se-á não-capitalista por necessidade, pela imperiosa pressão da realidade perceptível, por absoluta falta de outra alternativa que a afaste da destruição final.

É claro que a luta entre trabalhadores e empregadores faz parte das tensões que devem induzir a mudança. O mundo novo não poderá conter este tipo de divisão social e a casta burguesa sem dúvida terá que desaparecer. Isso é inevitável e faz parte do show. Mas também terá que ser evitado o surgimento de formas sociais que tendam a repetir qualquer forma verticalista de organização, ainda que estas sejam consideradas transitórias. Não há esse tipo de pontes entre o sistema vulgar e o novo, que devemos considerar e construir de forma mais avançada. O caso já foi fartamente considerado, discutido e comentado por ativistas e teóricos do século XIX, e a prática já demonstrou amplamente, neste século XX, que estruturas consideradas de transição tendem a sua própria conservação, consolidação e perpetuação, protelando sempre a nova sociedade a um futuro incerto e indefinido.

Essa foi, historicamente, uma das principais causas da oposição e confronto entre os ditos científicos e os chamados utópicos. Estes últimos ainda se opõem fortemente à formação do partido único e à ereção de um Estado forte; ou, na verdade, são opostos a qualquer tipo de Estado regulador das atividades humanas, alegando que es-

te tira a participação do indivíduo do desenvolvimento da própria vida. Nunca puderam compreender como as formas verticais, autoritárias, ditatoriais e opressoras, em mãos de uma classe manipulada por pessoas sedentas de revanche e poder, poderiam [por quais mecanismos?] recuar para permitir o surgimento de uma sociedade livre, fraternal, justa e participativa. A história lhes deu a razão. Só a idéia já é uma farsa, sem necessidade de repetir a história.

Está ficando claro para os que não se deixam subjugar, que chegou a hora de viver a utopia, de experimentar o que nunca antes foi feito. E essa não é só uma nova forma revolucionária; é a única forma que sempre expressou a consciência do verdadeiro revolucionário. Nós, os herdeiros desta antiqüíssima tradição humana, contando por milhares as batalhas nas quais que fomos derrotados, ainda não perdemos a guerra e seguimos resistindo aos poderosos inimigos da paz e da vida. Incontáveis milhões de mortes, as ocorrências mais atrozes das que temos memória, as maiores persecuções conhecidas e, hoje, um poderoso e sofisticado aparato de repressão psíquica e o maior plano de extermínio já concebido, não conseguem extirpar as palavras liberdade, justiça, igualdade, dignidade, paz, solidariedade, cooperação e outras, dos nossos espíritos.

Mas, além de querer isto, e mais, no futuro da humanidade, também o queremos para nós e nossos semelhantes aqui e agora. A obra é de execução imediata e não nos interessa o empecilho de etapas intermediárias. Se imagi-

narmos poder existir num mundo determinado, então temos que começar agora mesmo com a criação e construção dele, e não nos ocupar com desvios reacionários.

Não seríamos coerentes com o nosso sonho, se quiséssemos imaginar um Estado Comunista. São duas expressões contraditórias, que se excluem mutuamente. Nenhuma delas pode coexistir no âmbito da outra. Assim mesmo, o Partido Comunista Único é uma falácia anti-revolucionária.

Primeiro, porque incita a crer que é formado por pessoas comunistas, que seriam os que levariam uma forma de vida comunista; e isso nunca existiu em tão grande escala que permitisse a formação de um partido com milhões de militantes. No melhor dos casos, teria havido militantes que pretendiam chegar, alguma vez, a uma forma comunista de vida.

Segundo, porque reservaram esta nova ordem comunista apenas para uma seleta porção da humanidade, em total desacordo com o ideal universalista do comunismo histórico.

De fato, traiçoearam seus próprios ideais. O comunismo sempre foi considerado “para todos os humanos”. Apenas a versão cientificista é a que distorceu os ideais e os usou para iludir a credence trabalhadora e proletária, empurrando o movimento libertador para uma gravíssima derrota, da qual ainda hoje mal pode se recuperar. Mas não o conseguiram eliminar. Sobrevivendo às derrotas, nunca foi vencido e se prepara para tantas outras batalhas como

forem necessárias para chegar à meta que persegue há milhares de anos. De isso o sistema pode ter certeza.

Enquanto a passageira hegemonia oposicionista vermelha se debate em suas contradições internas, sem achar o consenso que a impulsione a ações coerentes com os princípios revolucionários, a vanguarda libertária vê chegada a hora de assumir as posições das quais foi afastada, dando as respostas que a multifacética esquerda incoerente não pode mais formular. Suas credices induziram muitas mortes demais. Sua repetição, dentro dos padrões propostos hoje [que não variaram em sua essência], somente produziria uma extremamente bem-vinda ocasião para o capital justificar a aceleração de sua pretendida eliminação de vidas humanas. Não cabe em suas cabeças que revolução - ou mudança drástica e radical de um sistema a outro - não é necessariamente feita por cima de montanhas de cadáveres, através de várias gerações, nem que um revolucionário possa respeitar e até amar a humanidade como um todo, apesar das divergências e diferenças, ou justamente por isso.

* * * * *

Um outro entrave poderoso à revolução, pelo menos tanto como a mídia, é a credice religionista que é espalhada nas mentes dos povos. A religião é outro fato histórico que sempre serviu para subjugar o povo, para mantê-lo

passivo e ordenadamente ao serviço do poder das castas ou classes dominantes. Quando, há dois mil anos, surgiu um homem que teve a coragem de enfrentar o poder da época, foi rapidamente eliminado. Apenas conseguiu pregar por três curtos anos e suas palavras e ações foram totalmente distorcidas e deturpadas nos séculos que seguiram, de modo que hoje só servem para fins contrários a suas intenções originais.

Ações atrevidas e importantes são reduzidas a anedotas despossuídas de significado, como aquela da expulsão dos mercadores do Templo de Jerusalém. Um templo, a casa de Deus, é a representação da Terra, do Universo inteiro e quem foi expulso dali foram os comerciantes - os que compram e vendem - que lucravam com a especulação de valores e dos produtos alheios. Foram violentamente despedidos, simbolizando que não faziam parte da ordem divina. Foram acusados de sujar o templo [o mundo] com suas presenças, desrespeitando Deus com suas práticas obscenas, ímpias.

Moisés já quis ser o divisor das águas que condenou e tentou separar a acumulação de riquezas e poder como meta de vida terrena, oposta a uma vida de acordo com a Lei Divina. Jesus radicalizou, expulsando os comerciantes do templo, demonstrando claro desacordo com o mercantilismo, base do sistema capitalista. O cristianismo surgiu em oposição aos paradigmas do poder político e econômico, propondo uma vida mais justa e digna, mais humana e menos conflitiva, de acordo com as leis locais naturais deste Planeta. Colocou a hierarquia fora da Ter-

ra, igualando os humanos na humildade de um destino comum e compartilhado na aceitação de seus limites e na pobreza [hoje diríamos relativa], que esta nova vida iria impor.

Quando Moisés destruiu o Bezerro de Ouro, quis destruir não apenas o símbolo de aqueles que propiciavam a produção e acumulação exagerada de riquezas terrenas às custas da exploração de outros seres e da Terra como um todo. Rejeitou aos que procuravam meios de acumular poder pela riqueza material. Jesus enfatizou o ponto, opondo-se teocrática-ideologicamente aos opressores, inclusive aos que se encontravam entre seu próprio povo, dedicados a questões econômicas. Não foi uma luta pelo poder que ele estava empreendendo, mas “contra os poderes”, contra toda forma de poder terreno. Lutava por um mundo novo onde a persecução da riqueza, da opulência, do poder, não seriam mais considerados nos fazeres humanos. Predicou a essência de nosso novo mundo ecológico.

Isto foi bem compreendido pelos primeiros cristãos e aplicado à risca nas comunidades que formaram, as que tinham avançadas características comunistas, mas pouco duraram. A prática da religião cristã primordial morreu nas mãos dos pais da igreja, vendidos aos poderes terrestres, ao luxo e à autoadoração. As sagradas escrituras foram reescritas e até hoje são vítimas de interpretações diversas, que só servem escusos interesses particulares.

O que aconteceu foi uma tentativa revolucionária profunda - quando o termo *revolução* ainda não era cunhado na língua humana - que não conseguiu prosperar. Rapidamente foi absorvida pelo sistema, distorcida e aproveitada por indivíduos inescrupulosos, que tiraram vantagens dela, para montar um esquema diabólico que, ainda hoje, serve para justificar os atos mais abjetos que os humanos possam conceber.

Não se pode negar que o cristianismo primordial foi a expressão religiosa mais evoluída que tenha surgido do berço das civilizações que deram a base à civilização ocidental. Agora, proclamar as deformações cristãs atuais como a única, verdadeira e derradeira religião do Planeta, merece, pelo menos, profundas e sinceras dúvidas. Basta entrar em uma igreja de qualquer tipo, de qualquer congregação, basta olhar e escutar. Não se diferenciam em muito, ainda que a gente possa ser enganada pela pompa de algumas e a simplicidade de outras. Todas exigem obediência cega e irracional ao dogma que as fundamenta. Todas oferecem a salvação individual e o perdão das besteiras que se cometeram, sem considerar a salvação do Planeta [sem a qual a salvação pessoal não tem sentido]. Todas falam e algumas até apresentam imagens do guerrilheiro morto na cruz, afirmando que este não morreu mesmo e que um dia qualquer voltará para matar um monte de gente, menos os crentes, ainda que sejam ricos e bem sucedidos á custa da exploração de terceiros e da destruição da natureza. Nenhuma delas ensina ou incentiva a prática de uma vida terrena que coíba efetivamente o estado de terror, de opressão, de exploração, de misé-

ria física e moral, em que a maior parte da humanidade mal sobrevive.

Além de tudo, o nome e a imagem flagelada e torturada do ilustre personagem é usada em rituais de características próprias dos povos mais primitivos, assimilando-se assim a expressões religionistas impróprias de um culto consciente e esclarecido. Conhecimentos básicos e rudimentares dos mecanismos psicológicos humanos são empregados, e seus resultados servem para “demonstrar” a presença e o poder desta outra realidade virtual.

Deveria nos parecer estranho ou, pelo menos digno de consideração e estudo, que os mesmos resultados tenham sido conseguidos por qualquer povo e cultura não cristãos que conhecemos nos últimos dez ou trinta mil anos. Mais ainda aparece a esperteza e enganação dos gananciosos líderes espirituais, quando se experimenta qualquer tipo de imagem, de pessoa viva, morta, ou até inventada, que se carregue com as características de um guia interno, e se consigam os mesmos resultados. Mas isso é heresia, para os hereges, cujo religionismo está cada vez mais longe de um deus possível.

Dois mil anos de atraso são devidos à humanidade, além de uma religião verdadeira, calorosa e conscientemente humana. Uma religião que ensine o caminho da luz, da beleza, da harmonia e da felicidade, sem as aberrantes condenações impostas pelos oportunistas impiedosos e ignorantes, que denigram o nome Daquele que estão falando. Se Jesus voltasse vivo a Terra, desta sumiriam to-

dos os proprietários, empresários, comerciantes e especuladores, com uma acentuada preferência sobre os inocentes praticantes de outras religiões ou de nenhuma.

Lembremos que, na antiguidade clássica, os comerciantes, ladrões e vigaristas eram colocados no mesmo plano. Tanto assim que na antiga Grécia todos eles tinham o próprio Hermes como deus protetor. É aquele mesmo Mercúrio dos romanos. Só na sociedade cristã pós-romana é que os comerciantes começaram aos poucos a conquistar um lugar mais privilegiado e respeitado; mas isto se deve mais à progressiva corrupção social produzida pelo emergente capitalismo, que a uma suposta melhora nas relações humanas. Os espertalhões chegam ao poder.

Algo parecido sucedeu com a figura do prestamista, incluído entre os vigaristas em tempos longínquos. Durante muitos séculos a igreja católica ameaçava com o inferno e punia com a excomunhão a quem emprestasse dinheiro a juros. Por isto, a função geralmente era cumprida por pessoas não cristãs. A imagem do povo judeu ainda hoje está abalada por esta lembrança, especialmente na Europa.

Quando, há uns setecentos anos, a atividade do agiota foi apenas ameaçada - pela igreja - com uma breve passagem pelo purgatório, com posterior direito de entrar no reino dos céus, foi dado um tremendo impulso ao crescimento da especulação financeira capitalista, que construiu a ba-

se da gravíssima degeneração que hoje impera nas transações humanas.

Deste modo, nem as seitas religiosas atuais, nem o capitalismo, tem contribuído a um desenvolvimento progressista nas relações dos humanos. Muito pelo contrário, estão contribuindo ostensivamente a uma extrema degradação da vida, da convivência humana, que afeta negativamente todo o nosso Planeta.

O iluminismo europeu ainda tentou se opor à desgraça, mas seu sistema de valores hoje se encontra na mais absoluta falência. A vanguarda libertária quase foi eliminada, em episódios que se inscrevem entre as mais horrendas e bárbaras chacinas da história humana. Mas nem assim seus ideais desapareceram. Novas gerações levantam os estandartes do sonho imortal, lutando outra vez contra o mesmo inimigo, ainda que este tente se disfarçar das mais diversas formas, enganando somente incautos, ignorantes e os que têm medo de sonhar.

Os atos positivos praticados por algumas pessoas ou agrupações não redimem o conjunto. Apenas redimem a quem os pratica, ainda que em forma bastante reduzida, pois em sua maioria são expressões de caridade hipócrita, formas encobertas de fazer negócios, modos de obter status pessoal e até promoção política nas comunidades, ou ações de limitadíssimo alcance efetivo. As palavras do pretendido redentor são usadas para alavancar o enriquecimento ilícito [desde um ponto de vista moral] das

congregações e para semear o terror entre a população mais ignorante.

Assim como é dentro do âmbito eclesial idolátrico, se espelha a realidade externa a ele, profundamente corrupta, extremamente impiedosa com o destino humano e sem consideração alguma com o Planeta que nos dá a vida. É tudo feito em base a uma imagem absolutamente falsa de deus e muito primitiva demais do universo. Não há redenção possível em essa trilha. O único caminho de salvação, trilha iluminada, é a luta pela preservação da vida, o que significa que nossa salvação individual [se houver alguma chance desta existir mesmo] depende da conservação de todas as formas de vida que ainda restam no Planeta. Não há coerência na salvação individual, se separamos esta do que possa ocorrer com o habitat da espécie. Não existe deus que possa cair no papo furado daqueles que pretendem se dissociar deste fato.

Nas religiões não salvacionistas, onde alguns cristos com mais sorte puderam passar suas mensagens em forma mais completa - pois não sofreram a cruel repressão imediata - podemos observar também, como no cristianismo, o decaimento da liturgia em meros rituais formais. Os ensinamentos dos “enviados do céu” são repetidos mecanicamente pela população, mas também são aproveitados pelos inescrupulosos para se manter no poder e para gozar de todos os privilégios que possam alcançar. Ainda persistem algumas dinastias de pretendida origem divina. Se for por isso, todos nós somos de origem divina e ninguém tem direitos que sejam negados a outros.

Isso deve ser entendido em forma absolutamente independente da atividade que realiza ou as responsabilidades que assuma na organização social. Ninguém é mais ou menos que outro. Ninguém pode possuir o que outro não tem. Ninguém deve se alimentar em demasia enquanto a outro falta alimento. Ninguém pode pretender viver no luxo e na riqueza enquanto haja um só humano que não possa ter acesso aos mesmos bens. Ninguém pode exigir respeito para si mesmo, se não respeita sua comunidade na igualdade, e ao meio ambiente onde esta se desenvolve. Quem leva deus no coração olha os outros diretamente nos olhos e não se posiciona por cima de ninguém. Assim também o respeito pelo semelhante não é dado pelos títulos honoríficos com os quais seja interpelado, mas pela forma não violenta na comunicação e no trato. Tem que se acabar com todo vestígio de poder autoritário e com todo servilismo, tratando de *tu* a todo mundo, com o maior respeito.

Assim mesmo deve mudar nossa relação com o conceito que possamos ter do que poderia ser deus. Teríamos que recolocá-lo, tirando-o daquele lugar-nenhum onde a religião hipócrita o tem relegado, sentido-o como uma força viva e amigável, de nossa criação. Temos muito ainda que elucidar com respeito à verdadeira natureza do conceito de deus e sobre a incrível enrotação das religiões que conhecemos. Temos muito ainda que aprender sobre o caso. Nesse contexto, estamos em um nível ainda bárbaro e primitivo, explorando e mal-interpretando princípios psicológicos rudimentares e, pior que tudo, dando um uso

ou fazendo uma aplicação totalmente errados no contexto social e econômico.

* * * * *

As civilizações passam por um processo similar a qualquer tipo de indivíduo. Elas se formam, nascem, se desenvolvem e degradam, até chegar a seu fim. As características que ostentam no fim são bem diferentes às do começo. São sustentadas por conhecimentos e crenças próprios de sua época, os que também sofrem certas modificações e adaptações no trajeto. Ciência e religião sustentam os pilares das civilizações, formam as características de sua cultura. Tal como a seqüência das gerações humanas, o fim de uma civilização traz em si o germe, os elementos que formarão a seguinte.

O fim de uma civilização se caracteriza por terem ficado caducos os elementos que a sustentam. Os conhecimentos que lhe davam a superioridade não mais são válidos, e a religião, a crença que lhe dava a força, degenera a um nível que a faz inaceitável dentro de um novo contexto. É extremamente difícil imaginar uma nova civilização que traga consigo uma religião desde a anterior, pois esta é justamente um elemento crucial na formação de suas características mais sobressalentes. Casos como os greco-romanos ou anteriormente os sumérios e babilônios, só estavam dando continuidade ao momento evolutivo an-

terior. Não representaram uma ruptura como a que aconteceu com a religião cristã.

Não podemos colocar em dúvida que a existência da religião cristã foi fundamental para a formação do capitalismo. Foi o caldo de cultivo desde onde surgiram as relações sócio-econômicas tal como as conhecemos e estamos sofrendo hoje. Qualquer mudança profunda que pretenda colocar as bases de uma nova compreensão da própria realidade, também trará consigo uma manifestação religiosa diferente à anterior. Uma nova civilização, formada por novos seres humanos, não poderá conviver com um elemento que foi tão importante na formação e estruturação da rejeitada e superada civilização anterior.

Isto não foi corretamente entendido e interpretado pelos social-democratas da escola marxista. Baseados em um limitado e insuficiente conhecimento da psicologia humana quiseram - e ainda seguem insistindo - em eliminar da humanidade o sentimento religioso. Chegaram apenas e primitivamente a catalogar a religião como uma droga que impede as mudanças. Acabaram no que deu, endeuando seus líderes, santificando e adorando seus mártires, rezando a seu messias e lendo a “verdade” nos livros sagrados de seus profetas. Hoje mudam de tática e se aliam a seus antigos inimigos drogados, para tentar levá-los – drogados - pelo caminho da verdade absoluta.

É coisa em verdade muito esquisita. Não pode dar em coisa boa o casamento entre essas duas expressões que só podem ser consideradas características de um mundo

que está morrendo. Esta única atitude já demonstra suas decadências. Um querendo usar o outro para seus próprios fins, se apoiar no outro para não morrer, não conseguindo mais que sustentar o pesadelo capitalista por mais um pouco de tempo e castrando a revolução emancipadora.

Uma religião, uma crença consolidada, concebida com parâmetros estáticos, sempre é um elemento reacionário. Num começo pode ter sido o elemento inovador, revolucionário, que participou no estabelecimento da nova ordem. Mas logo não se pode evitar que se converta no pilar de sustentação do status quo, evitando com toda sua força disponível qualquer tipo de mudança que afete o sistema ou sua própria hegemonia. Qualquer proposta que venha dessa fonte é superficial e enganosa, não afetando a essência das coisas num momento de fim de etapa. Uma verdadeira revolução não se perde, não é desviada pelos caminhos ilusórios da esquerda cristã, ou pelo cristianismo de esquerda. Com eles o diabo do capitalismo não pode ser afastado.

Se considerarmos as principais características do desenvolvimento histórico da humanidade - os elementos que alavancaram os passos evolutivos - não podemos duvidar que os elementos principais e mais característicos de um passo sempre foram eliminados no passo seguinte. Não temos nenhum dado que possa nos fazer crer que desta vez seja diferente.

Outra coisa seria descrever aquela possível nova religião em si. Isso está fora de nossa alçada. No momento atual seu germe já deve ter sido lançado, ainda que não seja identificável, por enquanto. Nunca houve passo evolutivo que não fosse acompanhado por uma nova forma de manifestação religiosa. Que esta agora não seja claramente identificável, pode se dever ao estágio em que se encontra ou, se esta definitivamente não aparecer, podemos desde já estar condenados ao fracasso; ainda mais fracassados, se conservarmos as formas religiosas atuais. Estaríamos então no mesmo beco sem saída que significa nosso fim coletivo e definitivo e não só o fim de um passo evolutivo tentado por mais uma civilização entre tantas outras que já foram.

Não se trata de que só uma nova religião poderá corrigir os erros do passado e do presente. Mas nenhuma religião atual passa pelo teste de servir a uma nova humanidade. São muitos os cristos nascidos entre os humanos [de diversas culturas e nações, conhecidos e desconhecidos] e não faltará quem apareça com as palavras certas para contribuir a instaurar a ordem necessária, para bem da humanidade. Pode bem ser que o novo messias contemporâneo já esteja entre nós e que tenha erigido as bases que transportarão sua mensagem aos povos da Terra.

O que se pode ter certeza absoluta, é que não falará em nome de nenhuma das religiões conhecidas, não incutirá o medo a um ser todo-poderoso, não pedirá a ereção de templos nem altares de sacrifício, não aprovará a adoração de imagens, não imporá uma casta sacerdotal, não

apresentará dogmas, será contra toda forma autoritária e totalitarista, não ameaçará aos que não o seguirem, falará das formas de vida que superam o sofrimento e dos caminhos que levam à paz e felicidade, estando profundamente comprometido com a integridade de nosso Planeta. Principalmente, não se proclamará filho de deus e sua mensagem será entendida claramente em todas as línguas.

Enfim, se houver lugar para uma religião no mundo ideal que estamos chamando de comunista por convenção, esta deve se ajustar ao contexto do âmbito onde lhe toca atuar. Ainda que muitos elementos de quase todas as religiões existentes possam ser usados ou aplicados sem contradição, ainda não foi nos revelado um corpo doutrinário completo e coeso, que se adapte ao esquema ecosocial proposto. Isto não quer dizer que não possa aparecer, como tampouco há garantia que aparecerá. A lógica das probabilidades é que a humanidade evoluída não poderá prescindir ou deixar de lado uma interpretação religiosa de sua vivência terrestre, ainda que desta vez deva ter uma maior relação e concordância com o conhecimento científico da época.

A reformulação, modificação ou superação de formas sociais, sempre foram acompanhadas de reformulações religiosas. Só na atrevida revolução francesa e nas revoluções socialistas se deu o caso da negação de deus e a rejeição à religião. Mas isto pode ser considerado mais como uma reação contra as aberrações cometidas ao mando dos dirigentes cristãos, que propriamente uma a-

tidade puramente ateísta. Especialmente nos casos socialistas, podemos observar que o sentimento religioso e o fervor místico foram canalizados em prol da revolução, e que toda a estrutura social produzida foi contaminada ou influenciada por esses fatores.

Assim, parecendo o sentimento religioso um elemento inerente ao ser humano, não parece improvável que este se manifeste de forma racional e coerente, se adaptando às novas formas de vida que deverão ser assumidas e aos novos conhecimentos dos quais a humanidade disporá.

* * * * *

E o que é aquele tão paparicado homem novo? Ou mais apropriadamente “ser humano novo”. Geralmente visto como produto ou conseqüência da revolução libertadora, aparece como a cúspide do desenvolvimento humano concebível, único tipo de gente apta para funcionar no novo esquema.

Não é pouca a saliva gasta para descrever suas propriedades, como também a literatura não peca por falta de considerações sobre o tema. Maior consenso parece existir sobre suas propriedades inerentes, que sobre a maneira como que este deverá surgir no cenário planetário.

Desde crentes iludidos, que se autoproclamam de “homens novos” pelo simples fato de ter entregado suas al-

mas às idéias vertidas por sua particular concepção das escrituras de sua religião particular; até os revolucionários materialistas que apostam em seu surgimento produzido por condições que derivam de interpretações mecanicistas da história social; passando por tendências interpretativas derivadas do tripé psicologista freud-jung-reichiano, existe uma variadíssima gama de afirmações e explicações. Enfim, referências bastantes para um tratado exclusivo e especializado sobre o tema é que não faltam.

Queremos deixar logo de lado o conceito que considera um humano como “novo”, apenas porque aquele mudou sua ideologia política ou sua crença religiosa. Isso não é parâmetro para medir uma mudança interna, necessária para considerar um humano realmente novo. Diversas tendências psicologistas elaboradas e aceitas pelo sistema, ficam limitadas a interpretações primitivistas, incompletas, pseudocientíficas e freqüentemente tendenciosas, dos fenômenos mentais humanos, pelo qual também não nos servem muito.

Então, que nos serve? Pois, simplesmente, pouco ou nada do que existe nos serve para tratar deste tema tão importante, dentro do contexto que estamos tentando desenvolver. Não possuímos referências, outras que as incompletas e tergiversadas informações que o sistema nos coloca a disposição. Apenas podemos contar com nosso próprio intelecto para abordar a questão.

Examinando algumas fontes de informação disponíveis, logo vemos que há contradições em vários pontos. Um é

aquele que discute se este humano novo é necessário para o começo da revolução, se surgirá no processo desta, ou se será o seu resultado. Obviamente há quem não acredita que o humano novo possa surgir sem intervenção divina, produzindo a dita salvação individualista, atribuída a desígnios messiânicos; a conversão salvacionista da humanidade produziria a nova relação social tão necessária a esta mesma humanidade.

Desgraçadamente não é o que estamos registrando, nem o que historicamente se produziu nos últimos mil e quinhentos anos. A coisa mais bem cheira a uma imensa fraude, a um bem montado engano que ainda está iludindo a maioria da humanidade. Ou, se pudéssemos acreditar na boa fé e nas boas intenções cristãs, devemos reconhecer que o esquema montado não está à altura dos requerimentos. Existem fortes indícios de que a mensagem original esteja extremamente distorcida e que nos primórdios o enfoque era bem mais radical.

Ainda assim, voltando ao princípio, não se conseguiria inserir aquele antigo discurso no contexto atual, em sua totalidade. Em dois mil anos houve ocasião demais para demonstrar quanto profundamente erradas e extremamente limitadas e insuficientes são suas teorias e práticas doutrinárias. O único produto apresentado é o desgraçado e diabólico humano capitalista, que se apóia na infraestrutura daquela religião para construir, sem pena nem arrependimento, um sistema que pretende acabar com a vida neste Planeta. Seria necessária uma reviravolta extrema para nos convencer de que este seria o caminho

correto pelo qual poderíamos atingir o ansiado novo mundo. Pior ainda, na atualidade nem se cogita outra coisa que apoiar o sistema, ou discordar apenas em aspectos particulares e pontuais, que não afetam o global dos acontecimentos, nem à estrutura básica que nos mantém bloqueados.

Não é muito diferente com os camaradas socialistas científicos, ainda que seu tempo de prova tenha sido muitíssimo menor. Mas foi bastante para demonstrar que o tão paparicado [por eles também] humano novo, não pode surgir apenas como consequência da mudança nas relações de produção. Hoje, infantilmente, se justificam com a pretensa necessidade de criar modos de produção que permitam o surgimento de uma sociedade comunista, composta de pessoas automaticamente renovadas. A tese não cola. O produto não passa de um ser ideologicamente convertido, com escassas características que o diferenciem do primata vulgar que toma conta do mundo antigo.

Visto assim, a pretendida revolução vermelha não revolucionou nada, nem produziu nada verdadeiro e duradouro. Foi mais uma miragem vendida aos humanos; mais uma impiedosa jogada de marketing que, até agora - um decênio após sua falência - consegue manter emperrado / embananado o movimento vanguardista. Nesse contexto, o único humano novo que registram os anais, foi assassinado nos anos 60, na selva boliviana, por lacaios do capital internacional e com beneplácito dos membros do partido pretensamente comunista, que deveria ser o pri-

meiro em apoiá-lo. Também poderíamos dizer que foi vítima de sua própria credence na dogmática religião científica e tecnocrática. Ainda têm multidões que adoram ele, que cultuam ele, pelo que diz e fez, como se fosse mais um cristo lendário, vivo após a morte.

Ele foi o companheiro que mais profundamente abordou a temática do humano novo, tentando demonstrar, com sua própria atitude no dia a dia, o feitio do ser humano que promovia. Eloqüentes palavras se escutam para celebrá-lo, mas muito difícil é achar uma pessoa sequer que siga seu exemplo de comportamento revolucionário. Magro resultado para uma revolução que não poupou vidas em seu decorrer. E nem poderíamos dizer que ele foi produto de sua revolução, mas inquestionavelmente de seu próprio imenso esforço interior. Apenas foi consequente consigo mesmo e fez o possível por transmitir isto a seus contemporâneos.

Existem também, e estão cada vez mais difundidas, agrupações que usam certas técnicas psicológicas para produzir alguns câmbios nos seres humanos. No ocidente são mais pragmaticamente empregadas nos âmbitos empresariais, enquanto que no oriente são consideradas mais como religiões. Mas em ambos os casos o fim é o mesmo: o êxito pessoal nos empreendimentos da vida, com ênfase no aspecto financeiro. É bem certo que muitas de suas práticas [basicamente exercícios diversos] possam ser ocasionalmente usáveis, os fins para os quais são empregadas diferem totalmente dos fins almejados pela revolução.

Uma das “filosofias práticas” que assume características religiosas é a neurolinguística. Desenhados para produzir dinheiro, poder e sucesso pessoal, seus seguidores se extraviam em seus fins egoístas e individualistas, perdendo totalmente o contato com a realidade objetiva do meio. Empregando as suas técnicas, forçam sua passagem aos estratos mais altos da pirâmide social capitalista. Deixando de lado considerações morais e éticas positivas, teimam em se sentir abençoados e se considerar superiores aos coitados mortais que prejudicam com suas práticas.

As práticas neurolinguísticas - tal como apresentadas na atualidade - conduzem a resultados válidos unicamente dentro de um contexto capitalista. Num âmbito ecossocial cooperativo, por exemplo, ficam totalmente de fora. Não contendo traços de solidariedade e ajuda mútua, sendo de inspiração extremamente discriminatória na repartição do produto social, não considerando valores e/ou ações que beneficiem a sociedade como um todo, consideramos sua prática uma ação reacionária e anti-revolucionária em extremo.

Nas escolas psicológicas tradicionais, derivadas principalmente dos ensinamentos da trilogia que desenvolveu o que se dá em chamar “escola vienesa”, em pouco ou nada se considera a transformação humana. A não ser a “cura” de atitudes que difiram do sistema vigente e da integração do “paciente” a este mesmo sistema, não se cogita o aparecimento de um novo ser em um novo sistema. Isto faria estourar os estreitos limites das tais teorias e demonstra-

ria a cretinice delas; além de expor a forma falaciosa com a qual aqueles “médicos que têm horror do sangue” ganham suas vidas, hoje mais do que nunca atrelados à indústria farmacêutica e servis ao sistema estabelecido.

Fica em pé a pergunta se é o meio que modifica o ser humano ou se é este que modifica as circunstâncias. A resposta do materialismo dialético assume um aspecto tão superficial como a redenção.

De fato é extremamente difícil, se não impossível, delimitar exatamente a parte que corresponde ao ser humano e á do meio onde este se desenvolve. Ele modifica o meio que o dinamiza e se insere no meio que guia seu procedimento. A via traçada pelos evangelhos políticos ou religiosos é totalmente falsa. O ser humano, independente de Deus e de Marx, tem a responsabilidade e a capacidade de traçar seu próprio caminho em todo e qualquer momento. Aceitar isto seria uma grande conquista do pensamento universal.

Ao falarmos do novo ser humano arriscamos formar dele uma imagem isolada, quase que própria de um santo, que se pode confundir com o individualismo irresponsável de certas seitas salvacionistas. Nós não podemos incorrer no erro de acreditar que ele possa se formar e manter fora de um contexto ecossocial dado. Pelas suas próprias características almejadas, ele não poderia se realizar sozinho, sem o acompanhamento da totalidade de seus congêneres, do restante dos indivíduos de sua própria espécie. Por isso seria mais próprio mencionar em plural

“os novos humanos” que formarão a raça humana do futuro.

Ao invés do que é propalado pelos salvacionistas individualistas, os novos humanos só poderiam prosperar e se reproduzir assumindo relações baseadas na cooperação e na solidariedade. Estas atitudes são fundamentais para produzir o intercâmbio básico que libere a energia que leve o processo em direção a um ponto de estabilidade e equilíbrio ecossocial.

Embora possamos afirmar que este processo de mudança seja individual, próprio e interno de cada pessoa em si mesma, não podemos deixar de advertir sobre a necessidade que seja apoiado, acompanhado e partilhado por toda a comunidade humana.

Precisa ser criada a condição, o campo de cultivo onde o novo ser possa se desenvolver sem travas nem impedimentos. O sistema atual é totalmente contrário a esta possibilidade e isto é mais um motivo que nos deve impulsionar a modificá-lo.

As duas coisas são paralelas, inter-relacionadas. O esforço individual é necessário para modificar a totalidade e o esforço mancomunado de todos é imprescindível para possibilitar a mudança de cada indivíduo. E só a mudança de todo o sistema atual pode dar lugar a que estes possam se desenvolver em plenitude. Disto depende a salvação do Planeta, da humanidade e, para quem queira acreditar, a salvação de cada indivíduo isolado.

Nesse sentido devemos abandonar, evitar, as crenças mecanicistas que nos afirmam que apenas uma mudança a nível social vai melhorar a qualidade humana. Uma mudança social não vai prosperar se implementada “de cima para baixo”, por alguns indivíduos ou grupos que se achem possuídos pela verdade. Esta só pode ser realizada e mantida por pessoas e agrupações que considerem seriamente sua própria evolução pessoal, o que representa um trabalho interno fundamentado em um profundo conhecimento de si mesmo, que seja uma referência objetiva do que é necessário eliminar ou melhorar e de como fazê-lo. Isso é parte de um processo consciente e não mecânico.

A pergunta filosófica fundamental que se deve fazer o ser humano é “**O QUE EU SOU?**”. É essa a posição que permitiria uma revisão/reconsideração dos fundamentos de nossa existência. A resposta a esta pergunta nos levaria a esclarecer nosso rol no conjunto da vida no Planeta e a colocar as bases de nossas obrigações, como ser vivo pensante, atuante e, principalmente, consciente.

Esta pergunta primeira, acompanhada de outra: “**PARA QUE EU SOU?**”, são fundamentais para formular um ordenamento social. O questionamento proposto “**QUEM EU SOU?**” só pode ser válido se incluído no contexto anterior devidamente esclarecido. Evitamos assim concepções individualistas isoladas, totalmente distorcidas e longe de uma compreensão objetiva e coerente, sem responsabilidade para/com o todo social e o resto da vida existente.

“Quem eu sou?” é uma pergunta que, se formulada em forma isolada, nos converte em deus, no único existente. Para ser coerente com a realidade objetiva de nossa existência, ela só pode ser formulada “em relação a..”.. Só assim podemos conseguir apanhar um reflexo da totalidade de nossa existência, que não é, em absoluto, algo desligado do mundo. O “quem eu sou” é um algo preso a uma extremamente complexa estrutura de relações. Sem possuir um esclarecimento sobre esta estrutura que nos permite a vida, não podemos entender quem eu sou. Podemos nos reconhecer apenas se inseridos em uma realidade-ambiente e relacionados a uma realidade-social. Ou seja, como indivíduos que vivenciam e compartilham uma realidade ecossocial.

Logo, desde aqui, podemos conceber os nossos direitos e os nossos deveres humanos, limitando nossas atividades àquilo que não coloque em risco a perpetuação da vida e, por extensão, da nossa espécie.

Na seqüência conseguiríamos elucidar os fundamentos de nossa vida, o sentido dela e nosso rol nela, colocando tudo isto no contexto de um ordenamento social, econômico, ecológico, político, cultural, religioso, etc. Nós revolucionários, projetos de sonhos de uma nova humanidade, não podemos nos furtar à colocação destas perguntas. É a resposta a elas que nos poderá trazer as ansiadas mudanças ou, ao menos, iluminar as trilhas que precisamos percorrer para transformar nosso Planeta doente no almejado lugar onde a paz, a justiça e a felicidade

se realizem em harmonia com o âmbito que nos possibilita a sobrevivência.

* * * * *

As atitudes escapistas de alguns indivíduos e grupos inclinados a se isolar procurando a perfeição são ilusórias, profundamente enganosas e não ajudam, não cooperam em nada como o processo evolutivo que a sociedade precisa enfrentar. Não passam de desvios egoístas de pessoas que não ousam encarar a realidade, se subtraindo cômoda e covardemente da luta por um mundo melhor.

Ficam no mesmo nível de inoperância os processos avançados por lideranças carismáticas, por mais inspiradas e bem intencionadas que estas sejam. Nunca na história se viu que as mudanças implementadas desta maneira resistam por muito tempo além da vida do líder em questão.

No caso que um grupo organizado queira implementar as mudanças de forma coercitiva, a maioria das vezes com emprego da violência, nunca poderá ser afastado o germe da rebelião e, em qualquer momento de debilidade ou descuido, o processo será revertido. Geralmente este é retomado em níveis bem mais atrasados ou retrógrados que o momento anterior. Veja a URSS.

O povo mesmo, a massa de indivíduos anônimos, nunca se sentirá parte que participe livremente por própria vontade, se a mudança é manejada de forma autoritária e verticalista. As formas horizontais são as únicas que incentivam e permitem a participação popular e a identificação do povo com o processo em andamento.

Quando o povo participa, por livre e espontânea vontade, o processo tem grande chance de perdurar através de gerações.

* * * * *

Não há como fugir do fato que a nova revolução só pode se sustentar em um amplo e profundo labor informativo e educativo, baseado num complexo sistema de comunicação global. Isto pode ser considerada a parte mais difícil da tarefa, da missão da vanguarda planetária, estando todos os meios de comunicação como estão, em mãos de uma ínfima minoria com interesses totalmente alheios ao bem-estar geral da população.

A possibilidade de êxito, de triunfo, da neo-revolução, está diretamente ligado à capacidade de comunicação, à transmissão de conhecimentos, à informação. Em caso nenhum está fadada a permanecer nos limites impostos por pretensos campos de batalha urbanos ou rurais. O armamento necessário tem um aspecto bem diferente daquele que se imaginava pouco tempo atrás. Este não

explode, não queima, não contamina, não expele gases, não fere nem mata fisicamente. Quem não entender isso não poderá cooperar para produzir o consenso planetário necessário para que se torne realidade o sonho da superação humana.

* * * * *

Como serão aqueles seres novos que vão povoar a Terra para salvá-la do desastre? Filhos da Terra e de gente, convivendo na compreensão de seu próprio Lar ameaçado de desaparecer do universo; cuidando da reprodução da espécie, sem se agredir entre eles. Como seria nossa Terra, compartilhada pelos sobreviventes, vivendo seus sonhos de paz e justiça, libertados de toda exploração?

A resposta está na compreensão do fato que os humanos são animais bastante diferentes. Estão querendo nos fazer crer que somos animais ferozes por excelência. Isso é mais uma falácia que nos querem impor.

Um animal selvagem e feroz não sabe que é feroz. Ele está condicionado a sua especialização alimentar e a seu habitat. Não tem alternativa de sobrevivência. Não pode decidir uma própria mudança de hábitos, porque isto o levaria à extinção. Mesmo assim, feroz e predador que é, por necessidade inata de sobrevivência, não mata seus iguais. Podem brigar entre eles, incluindo aqui os que não se apresentam tão ferozes a nossos olhos, mas estas bri-

gas geralmente não acabam em morte. A supremacia não é demonstrada por - nem acaba em - morte do contrário. A sobrevivência do mais fraco é garantida por sua aceitação da derrota e sua retirada do confronto.

Em casos extremos de restringido acesso a fontes primárias de sobrevivência, como água e comida, o animal mais débil pode chegar a morrer, porque o mais forte consome o que está disponível, mas este nunca nega o acesso do outro quando o disponível alcança para ambos.

Em seu todo, esta situação é praticamente inevitável e irreversível. Por demais, é inconcebível pretender mudar drasticamente os hábitos dos animais, em geral, como não se pode mudar em muito seus âmbitos, que são vitais a sua reprodução e sobrevivência. Nem falar das tendências de suas respectivas personalidades ou de suas formas de comunicação.

Como animal humano registramos possibilidades muito mais amplas. Somos extremamente ricos em diversificação da alimentação. Se não, me diga de outro animal que se alimente de uma gama tão ampla de fontes nutricionais: sementes, raízes, talhos, folhas, nozes, grãos, frutos de todo tipo, carnes de diversos mamíferos, peixes e aves, até insetos; tudo combinado de infinitas formas, chegando hoje a consumir alimentos não naturais, incorporados pelas modernas misturas industriais.

Não há outra espécie animal no Planeta que consiga se comunicar de tantas maneiras diferentes. Existe uma i-

mensa quantidade [e houve muitas mais] de línguas, com sons e escritas diferentes, e qualquer um de nós pode aprender qualquer uma delas.

Nosso habitat se estende de pólo a pólo, passando por vales, estepes, pradarias, montanhas, desertos, florestas, nos climas mais diversos. Nos reproduzimos no frio e no calor extremos, como em toda a gama de temperaturas intermediárias. Não há outro animal que se tenha adaptado a tal extensão de diversidade. Havendo água e ar, se dá um jeito de sobreviver, até na lua ou em planetas distantes. Estamos chegando lá.

Com nossa personalidade, nosso caráter, nosso jeito de ser acontece a mesma coisa: somos adaptáveis, moldáveis, maleáveis em extremo. Salvo casos patológicos que reconhecidamente fogem ao padrão social aceito, a média humana se transforma de uma maneira relativamente fácil e rápida. Basta proporcionar a oportunidade, junto aos dados adequados, além de inseri-los em um âmbito que permita o desenvolvimento das propostas [e iniba o contrário].

A receita é simples. Seria bastante fácil de aplicar se fôssemos uma dúzia ou um par de centos... mas somos mais de seis bilhões, dos quais mais de quatro estão em estado miserável de fome e ignorância, e a metade destes totalmente desamparados, desinformados, marginalizados e condenados por adiantado. A aplicação da receita é extremamente complexa.

* * * * *

A natureza é evolutiva, é dinâmica. Nela nada existe em forma estática. Nunca nada fica como era antes. Tudo se modifica através do tempo. Nenhuma forma é eterna, sempre está se modificando, como se modificam os elementos que a compõem. Pode se tratar de processos curtíssimos, de dias, horas ou minutos, até os que levam milhares ou milhões de anos para se realizar. Toda manifestação de vida, todo o existente, tem o seu próprio tempo. Mas afinal nada é o que foi antes alguma vez.

O que se estabiliza, estanca, não acompanha mais o processo vital e é eliminado pelas novas formas emergentes que o superam, adaptando-se à [r]evolução permanente, produtora de vida. É o que converte os conservadores em reacionários, iludidos com uma estabilidade que os leva ao retrocesso, ao decaimento e á destruição.

Nosso saber humano, nosso conhecimento, apenas é manifestação da experiência acumulada até um preciso momento. Nada disso é definitivo. Tudo é passível de revisão e modificações, obviamente incalculáveis e imprevisíveis no tempo anterior a quando sejam produzidas as alterações que permitam a compreensão do novo.

Assim temos que reconhecer humildemente que aquilo que num momento dado é considerado como a perfeição máxima alcançada por nosso conhecimento, está fadado a ser superado algum dia. Por isso é errada nossa busca

do definitivo, como ridículas são as afirmações de ter chegado a vislumbrar o sistema perfeito e insuperável. Sempre haverá um depois que infalivelmente será diferente à perfeição transitória encontrada em certo momento dado. As soluções são todas provisórias. Só duram até que apareça outra mais perfeita.

Isto é aplicável a toda e qualquer manifestação humana. Nada fica a salvo, nada escapa à ação do tempo, ao processo que conserva e mantém a vida no universo. Todo conhecimento ou crença tidos como definitivos são ilusões. A modificação é premissa para alcançar a eternidade. O que importa, em definitiva, não são as formas em si, mas a manifestação de vida que as contêm.

A vida humana só pode ter sentido profundo se sua manifestação terrena incentiva o prosseguimento da vida em geral e rejeite tudo o que for contra ela, em qualquer forma que ela se apresente; pois tudo faz parte de uma intrincada estrutura inter-relacionada e interdependente. Desde este ponto de vista é possível começar a entender a forma, a estrutura social, o comportamento que deveríamos assumir para não desaparecer do Planeta, ou provavelmente junto com ele.

A humanidade está chegando a um estágio onde pode começar a compreender as mudanças, os ajustes necessários à supervivência no futuro imediato. A humanidade faz bem em não mais acreditar nas soluções apresentadas no passado. A evolução do gênero humano depende das

formas que possamos achar hoje, com os elementos que só dispomos a partir de hoje, para assegurar nossa sobrevivência. O velho, o antigo, o que passamos, é história que só serve como referência para não repetir os mesmos erros; ou para saber o que foi alguma vez proposto e não experimentado. Até os bons exemplos que nos foram legados não prestam em forma isolada, mas tem que ser colocados em novos contextos, relacionados com novas experiências e conhecimentos complementares. Se não, não há evolução, e isto representaria nossa morte.

Todo sistema ecossocial que possamos imaginar hoje como o mais adequado para nós os humanos, sem dúvida que vai precisar ser modificado, aperfeiçoado, a partir das experiências produzidas na sua implementação; e, bem antes de ser totalmente estruturado a nível planetário, já existirão visionários de vanguarda que vislumbrarão as mudanças necessárias para passar a um seguinte estágio evolutivo. Considerar como definitivos os conhecimentos e as crenças de um momento histórico dado, só nos leva de volta às infundáveis discussões produtoras de violência, fanatismo, guerras, destruição, injustiças e morte.

Esses barbarismos primitivos só poderão ser eliminados com uma visão mutante do futuro e, especialmente, do presente. Temos que evitar nos amarrar às idéias de um passado esclerosante e reacionário. É claro que não podemos deixar de aproveitar as informações, os dados, os aspectos positivos que nos foram transmitidos através da experiência de milhares de gerações anteriores a nossa existência atual. Esses nos são imprescindíveis para fincar

as bases de nosso conhecimento e compreensão do novo. Mas também devemos abandonar sem dor o que não presta, seja no campo que for, seja no político, social, econômico, religioso, cultural, legal, científico, tecnológico, psicológico, etc.

Se quisermos sobreviver como espécie, nosso futuro - começando pelo mais imediato - não pode seguir sendo como atualmente é. Para isso tudo tem que ser mudado para melhor, o que significa aperfeiçoado, incluindo nisto até nós mesmos como seres viventes e conscientes. Ou deveríamos dizer especialmente nós mesmos, o que levaria consigo as mudanças que precisamos com tanta urgência. Nem um cego deixa de perceber que a situação de hoje nos encaminha a um beco sem saída e, pior, logo podemos alcançar o ponto onde o desvio não seja mais possível.

A espécie humana chegou a um ponto onde não é mais possível agüentar a situação em que se encontra. Profundas mudanças precisam ser implementadas com urgência crescente. Nossa atual estrutura social-econômica-política não presta, é extremamente perniciosa, é totalmente inadequada para fins de supervivência, desenvolvimento e evolução. Nosso desafio conjunto é superar as dificuldades atuais para evitar nosso fim coletivo e iniciar um novo estágio em um nível bem superior aos anteriores. Temos que nos livrar de nossos erros do passado.

Se isto parece difícil é porque nós mesmos nos colocamos as dificuldades. Ninguém está pedindo nada impossível.

Nós humanos possuímos as características apropriadas que nos capacitam evoluir e alcançar a forma requerida. Isso só pode ser posto em dúvida pela ignorância e por aqueles semvergonhas que lucram do atual caos global. Mas mesmo aqueles se enganam, pois o luxo que agora desfrutam se tornará fome e sofrimento para seus filhos, e seus netos poderão nem chegar a nascer. Ou se chegarem, será que seguirão sendo cúmplices da destruição? Ou irão repudiar irados os seus antepassados que os colocaram em situação tão desconfortável?

O conhecimento das características e possibilidades do ser humano dá a certeza de sua capacidade de superação do caótico momento atual. O nosso ancestral sonho de um mundo melhor nunca esteve mais perto de poder ser realizado. Não podemos permitir deixar esse sonho de lado, se queremos superar o sofrimento, a miséria e o terror que imperam hoje na Terra, tanto entre nós humanos, como de tudo o que se manifesta na natureza, incluindo nosso Planeta ainda vivo.

Hoje é que esse sonho, nosso sonho, se torna extremamente importante e necessário. Inspirados nele podemos superar qualquer dificuldade. Conjugando este sonho com nossos conhecimentos objetivos, a humanidade chegará além dos limites aos que esteve confinada por milhares de anos, até o presente momento.

É só disso que precisamos. É muito pouco para nos fazer desistir da luta. É muito pouco para pretender que a história chegou a um fim. Ainda tem muito chão pela frente.

Vamos ir muito além de nosso sonho, porque somos capazes e não podemos desistir, sob pena de morte eterna. O mundo novo, que hoje parece utópico, será construído pela humanidade unida. Alcançamos o ponto onde temos que assumir essa realidade.

Os sonhos, as idéias, os pensamentos dos humanos são passíveis de se tornarem realidade. Apenas existem fronteiras que delimitem as possibilidades de realização de qualquer tipo de projeto. A história e a vida diária nos mostram que aquilo considerado totalmente impossível um dia, no seguinte aparecia feito, realizado e acabado.

Desde as antigas florestas e estepes que abrigaram os primeiros exemplares daquilo que viríamos a ser, um longo caminho percorremos tentando nos aperfeiçoar. Desde o que hoje somos e representamos enxergamos a nossa frente o mesmo caminho, que não acaba com nós. A história que escreverão nossos descendentes depende de nossos atos atuais. Pregar o fim da história é pregar o fim da evolução, a paralisação da vida, a regressão nas relações e o fim da esperança.

O cristianismo permeia as tendências marxistas e capitalistas de mercado, construindo um mundo triste, violento, reacionário e destruidor. Não é essa a história que o ser humano quer escrever e por isso a luta não acabou. Queremos nos sobrepôr ao suicídio coletivo que nos impõe o sistema imperante, aquela morte cruel, indigna, vergonhosa, á qual somos empurrados sem piedade nem justiça. Nós humanos somos mais do que isso, mais do que

aquelas aberrações que os sicários do sistema nos apresentam como verdades inquestionáveis. Nós temos muitos mais direitos que aqueles que nos são concedidos pelos detentores do poder, como também todos nós temos obrigações sobre as que não estamos sendo esclarecidos devidamente.

Temos que entender, neste momento crucial que, se a história acabou, se a luta não continua, tudo acaba em morte. O fim da história, o fim da luta, no contexto atual, é sinônimo de fim do Planeta, representando o fim da vida em geral.

Para continuar a ser e fazer, para continuar a existir, a humanidade tem que evoluir, tem que superar os condicionamentos reacionários que impedem e/ou dificultam a ação evolutiva, aperfeiçoadora. É por isto que, outra vez na história, nos vemos urgidos a falar de re-evolução, tentando colocar a humanidade na trilha certa da continuação da vida. Mas também readequamos o termo à realidade e contexto contemporâneos.

Assim a luta continua sempre ao serviço dos interesses mais elevados de nossa espécie. Esta luta, nossa luta, é a chama inextinguível do espírito de nossos antepassados, que nunca se dobraram ante os agentes do caos, da injustiça, da escravidão, da exploração e da morte. Esta nossa luta é o combustível do motor que impulsiona a história pelo caminho da realização dos mais honrosos ideais humanos.

Sobrepondo-nos à adversidade e às desgraças produzidas por um sistema extremamente imbecil e inadequado, só nos resta proclamar que: a vontade de lutar pela continuação da história não sumiu do espírito humano. Portanto, que os usurpadores de hoje não confiem, não esperem poder manter suas posições por muito tempo mais. O fim da história deles não está longe. Não falta muito para que a sua existência seja lembrada como parte de um pesadelo, de um passado triste e desgraçado, o qual nunca deverá se repetir na continuação de uma história calidamente humana.

A HISTÓRIA

NÃO TEM FIM PREVISTO

A LUTA CONTINUA

EM FORMA PERMANENTE